

PROPOSICÕES

O SYMBOLISMO

95/4 EMC

Para o dia 14 de outubro, pelas 11 horas da manhã

Presidente o Ex<sup>mo</sup> Sr. Augusto Henrique  
d'Almeida Brandão.

Ex<sup>mos</sup> Srs.

Arg.<sup>tos</sup>

- ( Antero Joaquim de Moraes Caldas
- ( Antonio Glacido da Costa
- ( Alberto Pereira Pinto d'Aguilar
- ( Clemente Joaquim dos Santos Pinto



PAZ DA PÁTRIA  
Tipografia Literaria

1897

N.º 4

# O SYMBOLISMO

COMO MANIFESTAÇÃO DA

# DEGENERESÇENCIA

These inaugural  
apresentada e defendida  
perante  
a Escola Medico-Cirurgica do Porto

POR

**JOSÉ COELHO MOREIRA NUNES**



FAMALICÃO  
**Typographia Minerva**

—  
1899

95/4 ENC

# ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

*Director interino* — JOÃO PEREIRA DIAS LEBRE  
*Lente-Secretario* — RICARDO D'ALMEIDA JORGE

## CORPO DOCENTE

### LENTEs CATHEDRATICOS

- 1.<sup>a</sup> Cadeira — Anatomia descriptiva e geral . . . . João Pereira Dias Lebre.
- 2.<sup>a</sup> Cadeira — Physiologia . Antonio Placido da Costa.
- 3.<sup>a</sup> Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica . . . . Illydio Ayres Pereira do Valle.
- 4.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa . . . . Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
- 5.<sup>a</sup> Cadeira — Medicina operatoria . . . . Agostinho Antonio do Souto.
- 7.<sup>a</sup> Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos. Candido Augusto Corrêa de Pinho.
- 7.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna . . . . Antonio d'Oliveira Monteiro.
- 8.<sup>a</sup> Cadeira — Clinica medica . Antonio d'Azevedo Maia.
- 9.<sup>a</sup> Cadeira — Clinica cirurgica . . . . Roberto B. do Rosario Frias.
- 10.<sup>a</sup> Cadeira — Anatomia pathologica . . . . Augusto H. d'Almeida Brandão.
- 11.<sup>a</sup> Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia . . Ricardo d'Almeida Jorge.
- 12.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica . . . . Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
- Pharmacia . . . . Nuno Freire Dias Salgueiro.

### LENTEs JUBILADOS

- Secção medica . . . . { José d'Andrade Gramaxo.  
                                  { José Carlos Lopes.
- Secção cirurgica. . . . Pedro Augusto Dias.

### LENTEs SUBSTITUTOS

- Secção medica . . . . { João Lopes da Silva Martins Junior  
                                  { Alberto Pereira P. d'Aguiar.
- Secção cirurgica. . . . { Clemente Joaquim dos Santos Pinto  
                                  { Carlos Alberto de Lima.

### LENTE DEMONSTRADOR

- Secção cirurgica. . . . Luiz de Freitas Viegas.

A' memoria de meu paiz

A minha mãe e a meu irmão

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas preposições.

(Regulamento da Escóla de 23 d'Abril de 1840, art. 155.<sup>o</sup>)

que para mim foram e são  
verdadeiros paiz, pelo co-  
ração e pela alma.

Tributo de respeito immortaleza, insustentavel  
amor e inextinguivel gratidão.

**A' memoria de meu pae**

**A minha mãe e a meu irmão**

**A meus primos**  
**Laura e Alberto de Pinho**

que para mim fôram e são  
verdadeiros paes, pelo co-  
ração e pela alma.

**Tributo de saudade immorredora, inalteravel  
amor e inolvidavel gratidão.**

**A' memoria de D. S. A. L. C.**

Se não fui padre, nem  
por isso guardo menos a  
sua veneranda memoria.

**A meu tio  
José Coelho Moreira Christello**

**A meus primos  
Alberto e Eduardo de Pinho**

Devo-lhes o que sou.  
Como infinita é a divi-  
da, eterna será a gratidão.

**A' memoria de Antonio  
P. d'Oliveira**

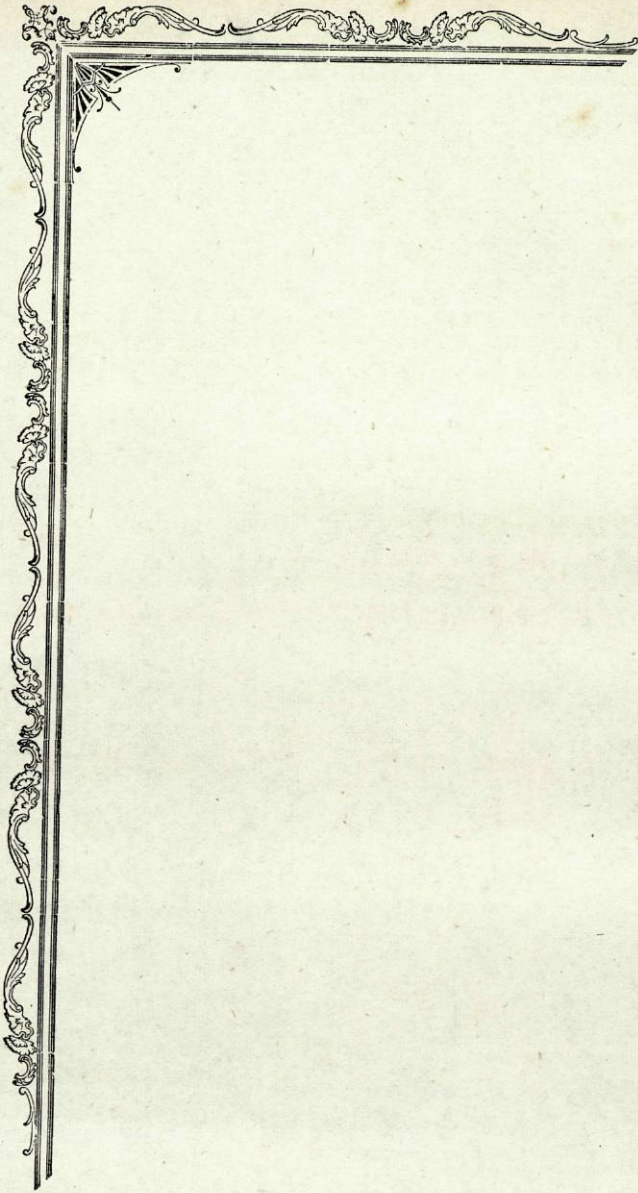
**Aos meus condiscipulos**

**Aos meus amigos**

AO MEU PRESIDENTE DE THESE

O illustrissimo  
e excellentissimo senhor

AUGUSTO BRANDÃO



# Introdução

---

**Mal-estar geral como symptoma  
da degenerescencia da epocha. Na philosophia.  
Na litteratura. Na arte.  
Na politica. O symbolismo como mais  
uma manifestação morbida**

A mythologia do norte continha o dogma terrivel do crepusculo dos deuses. Mas, se os deuses já ha muito se foram, chega hoje o nosso espirito a inquietar-se com um crepusculo dos povos, em que todos os soes e todas as estrellas se apaguem lentamente, e os homens, no meio da natureza que morre, vão tambem perecendo com todas as suas instituições e todas as suas obras. Assim Max-Nordau caracteriza o estado da alma moderna, em que um mal-estar indefinido e vago, um descontentamento universal, enche todas as manifestações da vida. Parece a humanidade evoluir n'uma phase de transformação profunda, destruidas pela base as antigas instituições, reconhecidas impotentes para dar a felicidade, ao menos para fazer a existencia supportavel.

Um vento de inquietação sopra nas consciencias, e arrasta os ultimos restos de fé em futuros brilhantes reservados a uma raça que se sente desequilibrada, sacudida das bases sobre que tanto tempo esteve firmada, desilludida d'um passado que não satisfaz as suas aspirações, não sabendo a que ater-

se no momento actual, nem vindo d'onde surja a luz que a norteará no seu progredir necessario. Foram-se os velhos principios, e na hora presente ainda se não delineam no ceu confuso e agitado as verdades que os venham substituir. Bem accentuado é o contraste entre o descontentamento que domina os espiritos e o bem-estar material, cada dia mais augmentado por uma maravilhosa descoberta.

E' que a par do progredimento material tambem e muito mais rapidamente, por pathologica se refinou a alma moderna, criando cada dia novas necessidades, reclamando satisfação. Assim mais intensa e feroz se tornou a lucta pela vida, havendo mister d'esmagar, para não deixar-se esmagar, sob o acicate das exigencias, que a mesma civilização criou.

Nunca o equilibrio se atingirá, o estado em que nada mais se deseje nem ambicione, por completa satisfação. O *nirvana* que Çakia-Mouni concebeu como a maneira de fugir ao mal de existir, só é possivel com a extincção gradual de todas as faculdades, no desejo de aniquilar-se, na perda mesmo d'esse desejo. D'aqui as concepções pessimistas contrabalançadas no possivel pelo instincto da conservação do individuo e da especie. Sendo certo que a humanidade não vem mas vae para o mais perfeito, necessaria é a sua ascensão, que nada estorvará.

Pouco importa que hajam de eliminar-se alguns membros, por inuteis ou prejudiciaes. Não cessará o seu progredir, antes mais robusta e remoçada sahirá a especie d'este periodo de transformação e incerteza, como do velho mundo pagão sahiu radiante a sociedade christã, e como da catastrophe do fim do ultimo seculo sahiu o estado de coisas que ainda fez a felicidade de nossos avós.

Bem se deixa vêr que este estado de inquietação e mal-estar não é uma efflorescencia passageira,

mas a manifestação profunda e essencial d'uma doença geral que enche todas as manifestações da actividade humana.

\* \* \*

Assim na philosophia que é a synthese universal do conhecimento, derivada de tres fontes distinctas, a rasão baseada sobre a experiencia, o sentimento intuitivo, e a imaginação, e n'isto se distingue da sciencia especial, da arte e da religião que separadamente se dirigem a cada uma das tres fontes do conhecimento, os ultimos systemas fizeram a confusão com a sciencia, e quebraram os laços que a ligavam á metaphysica, que é o lado logico da philosophia. Dizer como Comte que da philosophia não é o occupar-se dos problemas que sempre preoccuparam o espirito humano, não é destruir a necessidade que em nós existe de investigar a rasão das coisas.

Representa a tentativa d'explicação do phenomeno cosmico, tendo como meio a observação. Bem longe estamos nós já das concepções do mundo em que se invocava a natureza mãe, bôa e previdente cuidando dos seus filhos com todo o carinho.

Foram estas theorias de Rousseau uma reacção contra o pessimismo christão, como este o fôra contra o candido desejo de viver, o amor da existencia traduzindo-se em todas as manifestações da vida antiga.

Analogas eram as circumstancias em que o Christo prégava o desapego e o abandono do seculo, que se tornára intoleravel, trocando-o por uma ideal vida de renunciamento e a epocha de João Jacques. Fallavam a homens esgotados por todos os soffrimentos e por todos os prazeres. Mas o fundo do christianismo é a concepção pessimista da vida

adaptando-se ao soffrimento, e a philosophia de Rousseau é a necessidade de fugir do mundo, não para outra vida a que as dôres levavam directamente, mas para longe dos homens, para o coração da natureza, ainda não contaminada pelo halito da civilização. Era o refugio do mal para o que era a bondade mesma. Mas os espiritos não se satisfizeram e breve voltou o pessimismo truculento e misanthropo na pessoa de Schopenhauer.

Desilludidos de que a natureza não era mãe, mas madrasta, pelo progresso das sciencias naturaes, começou a olhar-se um pouco o lado positivo da vida e a conhecer-se quanto era verdadeira a theoria de Darwin sobre a lucta pela existencia e a seleção natural.

Já então a metaphysica allemã estava bastante abalada pelos ataques certos e persistentes de Büchner e toda a eschola materialista, quando Comte veio orientar os espiritos no sentido da pura investigação do phenomeno, negando o valor da observação interior. Apesar de nada restar da philosophia positiva, apenas admissivel como methodo, bem aceite, por esperada e necessaria, pois já ao terceiro estado tinha chegado a humanidade, foi, principalmente no ramo heterodoxo capitaneado por Littré,

Mas o positivismo, representando sem duvida o maior avanço da humanidade n'este seculo, começava por negar a philosophia, e por muito estreito deixava insatisfeita a necessidade do sobrenatural, a que tambem não bastava a religião positiva. Por outro lado o evolucionismo de Herbert Spencer tambem cerrava a passagem, mostrando-nos um mundo muito simples e muito comesinho, sem mysterios, ao alcance de todos. Ainda mais o evolucionismo vinha confirmar as theorias darwinistas. Eram milhões de seres desaparecendo para viverem alguns, era o soffrimento permanente da materia viva,

o soffrimento e a morte como causas de progresso. Generalizada esta lei, tornada uma lei social, uma lei do mundo moral, levava fatalmente ao pessimismo, embora irreligioso e atheu, muito differente do pessimismo christão. Um trazia a necessidade de lutar, vencer, e esmagar para não ser esmagado, para assegurar-se um logar na existencia; o outro mandava recolhermo-nos ao isolamento, sem ganhar apego ao mundo mau, para alcançar outro melhor. Mas ainda o positivismo e o evolucionismo deixavam desejos insatisfeitos, forças por utilizar, e d'ahi o pensarmos nós dever existir qualquer coisa capaz de os satisfazer, e que se nos occulta. Ao lado e contra estas theorias ergue-se o neo-christianismo, combatendo o culto exclusivo da sciencia, proclamando a crença sobre a vontade livre. Mas o excesso de individualismo, a difficuldade em ressuscitar o livre arbitrio, não obstante os esforços de Renouvier e Pillon, tornaram infructifera a tentativa. Com a philosophia das ideias forças ainda Founillé tentou alliar o idealismo e o naturalismo, tornando a evolução mais sympathica. Guyau procurou os equivalentes destinados a substituir antigos erros. A associação seria a razão de ser das religiões, e que as substituiria.

Do lado da Allemanha Frederico Nietzsche nos ultimos tempos tornou-se conhecidissimo, exercendo grande influencia na direcção dos espiritos. E' o philosopho do que Max-Nordau chama o egotismo. Escrevendo n'um estylo prophético, por arrancadas, á maneira oriental, por phrases desconnexas, d'um brilho que deslumbra, contradizendo-se frequentemente, desenvolve estranhas theorias, d'um sabor exquisito, muito do agrado d'um publico degenerado. Dos seus livros extrahiram os discipulos um corpo de doutrinas sobre a moral. Segundo Nietzsche a moral actual é a moral dos escravos que divinisa os sentimentos de piedade e misericórdia, e

que desthronou a primitiva moral dos senhores, da raça dominadora, que tinha como bem e como virtudes os sentimentos do animal livre e carniceiro, a dureza, a crueldade, o orgulho, a coragem, o desprezo do perigo, e como mal os sentimentos de covardia, receio, humildade, etc.

No estado primitivo fundado pela raça dominadora são virtudes para a raça sujeita, a piedade, e compaixão, o socorro, a paciencia, etc., todas as qualidades uteis, que servem para melhorar as condições da raça opprimida, alliviar o fardo da existencia. Mas deu-se a revolta dos escravos na moral, operada pelos judeus, com Christo, deu-se o que Nietzsche chama a *transvaluação dos valores*. A fraqueza tornou-se qualidade nobre, a crueza um crime, de maneira que na linguagem dos prophetas apparecem como synonymos rico, impio, máo, violento, e pobre, santo, amigo.

E sendo o instincto fundamental do homem a crueza, faltando-lhe os inimigos exteriores, devorado da nostalgia da vida de besta errante, voltou contra si mesmo o desejo de torturar, a necessidade de fazer mal, encerrando-a dentro de si, e creou assim a consciencia má. É esta a transformação do instincto de fazer mal, que por vezes se liberta, e gera os criminosos.

O homem intellectualmente livre deve collocar-se acima do bem e do mal, afeir os seus actos pelo valor que tenham para si, viver solitario. Com esta nova moral poderá a humanidade produzir emfim o *sobre-homem*.

Embora este systema seduza pelo seu lado paradoxal não assenta em bases algumas. Assim nada justifica a existencia d'um homem, «besta errando solitariamente», antes todas as descobertas da archeologia prehistorica attestam a vida em commum dos homens primitivos, nem a moral actual é obra dos judeus, mas seis seculos antes foi prégada por

Bhouda, um príncipe, para uma raça de senhores, de brahmanes, de aryas. Se a consciencia fosse a necessidade de fazer mal voltada para dentro, o homem que a ninguém faz mal, teria a peor consciencia, todo aquelle instincto encarniçado contra si, e o criminoso que o deixa libertar teria a melhor consciencia.

Isto não se observa. Ainda que alguns criminosos — o criminoso nato, o criminoso por habito adquirido, devido a uma anesthesia psychica e physica produzindo a anemotividade, á ausencia hereditaria dos centros d'inhibição cerebral, não conhecem o remorso, como tambem o não sentem alguns criminosos por occasião e alguns impulsivos de loucura consciente, experimentam o outro.

E tal não devia ser, pois tendo elles muito desenvolvido o instincto de fazer mal, quando na prisão, impedidos de o exteriorisarem, deveriam ser intensamente atormentados dos remorsos.

Nem só *utilitaria* é a moral dos escravos porque as virtudes dos senhores tambem lhes são vantajosas.

O sobre-homem de Nietzsche seria um degenerado, prejudicial á especie e a si mesmo, porque é uma necessidade biologica o refreamento de si mesmo.

Contradictoria e paradoxal, mas d'uma originalidade empolgante, tem corrido mundo esta doutrina, emquanto que no campo opposto Ruskin, na Inglaterra, impõe á arte o dever de ser moral, serva da theologia.

No fundo d'isto tudo paira a incerteza, um mal-estar indefinido, uma desconfiança propria d'um desabar de velhos principios, sem ainda se saber de que lado virão os que os hão de substituir.

Vamos-nos libertando do dominio dos dois grandes systemas que pelo meio do seculo regeram os cerebros, o positivismo, explicando o progredir

da humanidade pelo predomínio das ideas e o evolucionismo pelo predomínio dos sentimentos. Max Müller busca a razão nas condições economicas. Mas ainda se não descortina d'onde virá a verdade, cada tentativa é um insucesso, uma desillusão a mais. Espiritos ha até que preconizam a retrogradação á idade-media, aos tempos de fé incondicional e ignorancia feliz.

O mal vem do excesso de civilisação.

Mas será possível fazer retroceder a humanidade na sua marcha?

Nenhum espirito são o poderá conceber. A verdade tem de ser procurada no ainda ignorado, tem de ser inventada.

Mas é principalmente na litteratura como a primordial manifestação da vida intellectual, producto directo do pensar e sentir da epocha, pois que a philosophia já é ou pretende ser, a theorisação da vida, dando a razão de ser, tentando explicar, achando os motivos, e tirando as formulas, é na litteratura que primeiro se reflectiu, e actualmente mais se reflecte o desgosto do existente, o descontentamento da geração contemporanea. Toda a litteratura do fim do seculo passado glorifica a volta ao estado de natureza, e só por ser diferente d'aquelle em que se era obrigado a viver.

Da obra eloquente e suggestiva de Rousseau nasceu o romantismo allemão, que depois gerou o de Byron e o francez. Obedecendo a outros motivos que conjunctamente influiram na genese dô romantismo a volta deu-se até a idade media, porque foi nestas epochas que a Allemanha tivera o seu esplendor e a evocação e rememoração d'estes tempos impunha-se-lhe como um refugio das desgra-

ças da patria esmagada por Napoleão. Por isso o romantismo allemão foi patriótico e christão. Mas era bem um protesto contra o estado de cousas, um desejo de fugir dos males presentes para tempos melhores. Como todo o movimento em litteratura, este por uma filiação natural, por uma lei de reacção do espirito, descendia da Encyclopædia franceza. Partindo d'uma rasão autonoma, com um conhecimento insufficiente dos factos, seguindo uma logica rigorosa, a philosophia do seculo XVIII, tentou interpretar os enigmas do mundo e do homem, confundindo o que apenas era methodo de conhecimento com o mesmo conhecimento.

Conhecidos o vasio e fragilidade d'este systema, depressa se acreditou na falsidade do methodo e desilludidos d'umas explicações insufficientes, mas estreitas e frias, os espiritos lançaram-se nas profundezas insondaveis da fé e da metaphysica, mais poeticas e inebriantes.

Contra a falsa psychologia em que a rasão explicava logicamente tudo, ignorando o papel da emoção, o mysticismo insurgiu-se, preparando o apparecimento do romantismo, que as circumstancias historicas caracterisaram como um protesto contra o estado de coisas existente. Na geração seguinte appareceu em França, com feição diversa, depois de passada a hypnose da epopeia napoleonica, exgotada a alma nacional com tanta gloria e tanto sangue derramado; mas o romantismo francez não é nem medieval nem mystico, mas todo se enthusiasma com as grandes paixões e os grandes crimes, exagerados até á monstruosidade, amando os paizes fabulosos e longinquos do oriente, e a Renascença dos palacios de marmore, da arte phantasiada, em que os homens tanto faziam um quadro maravilhoso, como uma estatua que era a belleza pura, como de bandolim na mão cantavam os seus poemas de guerra e de amor, guerreiros e enamorados.

A geração de 1830 gerou os parnasianos que fizeram da arte um jogo malabar de rimas e sons, descurando a idéa em prol da fórma cinzelada e impecavel. Na Inglaterra do genio indisciplinado e irrequieto de Byron descendem na Russia Pouchkine, em França Musset, e na Italia Leopardi, que é a mais completa encarnação do pessimismo como doença.

O successo das doutrinas scientificas de Comte e Spencer fizeram vingar o naturalismo, que é a traducção na litteratura do pessimismo da epocha. Pois o naturalismo mostra-nos a vida como ella é, com todas as miserias e com todas as fealdades, apresentando aos nossos olhos a corrupção e o soffrimento d'uma sociedade que agonisa em bachanaes de luxuria, emquanto a maior parte morre de fome. Quer o naturalismo violento de Zola, ou o mysanthropico de Flaubert, descrevendo a Dôr universal, quer ainda a litteratura allemã pintando um mundo ideal e longinquo em Gustav Freitag e Felix Dahn com os seus quadros da antiga vida germanica, ou nas narrações egypcias, corynthias e romanas de Ebers e Ekstein, o que destaca bem é o descontentamento do mundo real, a necessidade de fugir á verdade da existencia insupportavel.

Como um mais explicito protesto contra a vida social é o mysticismo, que reveste a grosseira fórma de crusada contra a sciencia, impondo a necessidade de crêr sem comprehender, para não cahir-se no perigo de querer investigar o mal existente.

A mais moderna e perfeita fórma de protesto contra a realidade, traduzindo o desgosto do existente, falsamente attribuido á sciencia, é o apparecimento do symbolismo.

No fundo d'esta tendencia ha o desejo de fugir da vida real, recolhendo-se passivamente a uma esteril vida de sonho, para não sentir o contacto duro e amargo do soffrimento universal.

Já o movimento preraphaelita fôra uma volta ao seculo XIV, pela imitação dos primitivos, segundo a direcção mystica que os espiritos inglezes impunha Ruskin. Era a arte pairando entre nuvens que occultassem sempre o lado mau das coisas.

No fundo d'estas fórmulas litterarias ha sempre o descontentamento da existencia, a affirmação do mal de viver.

Tambem nas bellas artes se nota a mesma incerteza, tanto mais que é n'este ramo da actividade cerebral, por mais individual, que mais se accentua o character de desequilibrio de que soffre o artista. Em vez do amor sereno e são da natureza, do culto exclusivo da belleza, em que se aprazia a arte antiga, corrigindo muitas vezes o modelo, a arte moderna, dizendo-se observadora do real, pinta o defeituoso, comprazendo-se, por um requinte de inconsciente aberração, em reproduzir o feio e o trivial.

Emquanto Besnard pinta mulheres que têm cabellos verdes, rostos amarellos, e braços manchados de violeta e rosa, veladas d'uma phosphorecente nuvem azul, Puvis de Chavannes empregna a sua obra d'um vago symbolismo sonhador com côres mortas e tons pallidos. Os discipulos de Manet continuam a vêr tudo violeta, e os archaistas apagam tudo com meias-tintas, com côres veladas, longinquas, e Raffaelli compraz-se em pintar os bebados e vadios das cercanias de Paris em telas de desenho vigoroso, mas côr d'argila diluida. Os preraphaelitas imitam os primitivos de desenho incorrecto e attitudes infantis.

Na musica Wagner suggestiona as multidões com a sua poderosa imaginação, e toda a feeria dos

seus dramas heroicos e lendarios, fallando ás profundezas da alma, fazendo-a mergulhar n'um recolhimento indefinido, perdendo-se em horisontes distantes e indecisos, eternamente velados de nuvens que revestem todas as fôrmas phantasticas. Mas a *Cavalleria rusticana* tambem tem o seu publico.

Mesmo na vida politica das nações o mesmo desequilibrio se mostra, as luctas partidarias são encarniçadas, as ambições insatisfeitas mola de toda a engrenagem do estado.

Por outro lado cada vez se accentua mais a grande lucta entre os mortos de fome e os ricos, uns como crentes esperando e trabalhando para a transformação economica que lhes melhore as condições da existencia, os outros sustentando-se desesperadamente, cedendo embora.

Na vida intima de cada nação ha o mesmo descontentamento e mal-estar que se mostra na vida collectiva. Na França os elementos reaccionarios congregam-se para derrubarem a Republica, sendo de pretexto a questão Dreyfus, a educação clerical impondo-se á mocidade ociosa e que se diverte, o parlamentarismo desprestigiado, o exercito indisciplinado, todos parecendo cançados d'um regimen de liberdade. A Allemanha, guerreira e feudal, governada por um desequilibrado de genio, pensando em reconstruir o sacro imperio, mas no fundo impotente para vencer a onda crescente do socialismo, e esgotada pelo militarismo, que é toda a mechanica do estado. A Belgica com as luctas ferozes entre liberaes e catholicos, um partido operario solidamente organizado, impondo a sua vontade, como ainda ha pouco que os catholicos pensaram em cercear-

lhe o direito eleitoral. A Russia, com um largo proletariado intellectual, vendo abalar-se o despotismo sagrado e hereditario dos Czares ao sopro devastador do nihilismo, inimigo desesperado e terrivel, n'um receio continuo e irremediavel de vêr desabar a velha instituição tradicional sob a avalanche das novas idéas que já vão germinando no cerebro dos camponeses. Na Austria a lucta persistente das nacionalidades, ameaçada d'um desmembramento fatal, attento o odio das raças que se degladiam. A Suecia e a Noruega tem a lucta entre o rei e a representação nacional. Na Inglaterra ha a questão da Irlanda, a par d'um socialismo que se organisa e protesta contra o jugo da Egreja e da nobreza de sangue e dinheiro, que estão bem firmadas e rijamente se defendem. Na Italia falta á monarchia a consolidação secular e tradicional, debilita-a a incompatibilidade com o papa, assoberba-a a crise nacional, e a população emigra em massa e a republica impõe-se como fórma unica de agrupar todos os pequenos estados. Na Hespanha o carlismo e o regionalismo e em Portugal a crise economica e o descredito das instituições, assignalam a extrema decadencia e a irremediabilidade das nações moribundas.

Fóra do velho mundo, na America do norte, surgiu o imperialismo, com a questão das Phillipinas e talvez a de Cuba, e no Brazil, ainda que rico e florescente, os partidos politicos guerreiam-se ferozmente, o jacobinismo continúa desenfreado, e a baixa dos cambios difficulta a vida economica. Nas outras republicas americanas ha as revoluções chronicas. No extremo oriente, em quanto que o Japão se europaisa rapidamente, a China desmembra-se decrepita, em termos de tornar-se o pomo de discórdia das nações occidentaes.

\*  
\* \*

Este estado de incerteza e de duvida é bem do momento actual. Bem que a humanidade haja atravessado epochas criticas de transformação profunda, a verdade é que nunca o descontentamento e o mal-estar attingiram a intensidade e o desespero da epocha presente. Na Roma republicana contra os patricios luctavam os plebeus, apenas pela consecução do direito de participar dos campos e dos negocios publicos, mas nunca pensaram em revoltar-se contra a ordem social existente. No momento em que a Republica degenerava no Imperio revoltaram-se os escravos contra os senhores; não queriam elles ser escravos, mas não tinham em vista acabar com a escravatura. Na idade media os grandes movimentos das crusadas, em que os povos em massa se lançavam para o oriente, menos s'explicam pela suggestão dos prégadores inflamados, de fé robusta, que pelo pessimismo christão. Milhares de homens precipitavam-se para a conquista dos logares santos, sujeitando-se a infinitos sacrificios e soffrimentos para ganhar a vida celeste, e certamente por desgosto da existente. A Reforma marca o momento em que a religião se tornou impotente para neutralisar o espirito de revolta dos povos opprimidos.

Largaram-se antigas illusões mas a preço de muito sangue.

Mas foi a Revolução franceza que, desilludida de vez do existente, se resolveu a operar a transformação radical, dando-se a explosão em todo o dominio da organização social. Os homens da Revolução tinham soffrido muito e eram cheios de fé na sua obra, sacrificavam-se pela convicção em que estavam da necessidade e da infallibilidade da transformação social. Destruíram o antigo edificio e para as novas instituições nenhuns matériaes existentes

aproveitaram. Foi uma demolição completa e uma reconstituição sobre bases e com princípios inteiramente novos. Para tal se dar é porque muito odiavam o mundo velho, devendo o descontentamento e o mal-estar ter atingido o mais fundo das almas.

Que isto tudo sejam manifestações d'uma só e mesma doença, bem se deixa vêr. A verdade é que o homem está gasto da civilização.

Nas condições actuaes da existencia tem de dispendir uma energia sobrehumana, trabalhar de mais, para não ser esmagado na concorrência. A lucta pela vida tornou-se um combate feroz, e ha mister ou de ser-se forte e vencer, inutilizando os competidores, ou de desertar, deixando-se preterir. E como nem todos são sufficientemente dotados, tem de dar-se o esalfamento, ou por excesso de trabalho, ou pela ambição d'um nome, de fortuna, pela gloria, vindo em resultado o desequilibrio, diminuindo a resistencia do organismo á acção deleteria do meio. De maneira que sendo o meio em principio o instigador do excesso de trabalho, é depois o causador de fecundas perturbações que se firmam e transmitem, mudando em peor.

E como hoje tudo se faz d'uma maneira vertiginosa tambem rapidamente um organismo, e por graças de hereditariedade, uma geração se desequilibra, degenera, se torna inutil, quando não prejudicial. O esgotamento é um facto geral, e a doença que o traduz é bem a doença do seculo. E' esta a degenerescência, e n'um grau mais attenuado os nevroses. Este mal-estar geral, este descontentamento, a incerteza e a duvida em que se debate a actual geração, que enche todas as manifestações

da vida contemporanea, é pois a manifestação da degenerescencia da epocha.

\*  
\* \*  
\* \* \*

Ora como no campo litterario a ultima manifestação d'este estado geral de incerteza e transformação, com o completo desprezo e abandono do passado, na ancia de encontrar a formula nova, que se adapte ao estado de momento, é sem duvida o apparecimento do symbolismo, d'interesse é o seu estudo sob o ponto de vista da psychologia pathologica, para a sua entegração no quadro degenerativo. Tanto vale como qualquer das manifestações da actividade humana que soffre da mesma doença, correspondendo a um estado de momento, modificavel e em plena transformação como a mesma geração que a produz. Pois a formula d'arte, sendo criação do espirito, não póde ser nada de absoluto, antes adaptar-se-ha á evolução ou involução d'este.

E assim é progressiva ou regressiva, são ou doente. E' doença o symbolismo.

# O symbolismo

---

**Descrição e symptomas. Sua origem. Verlaine, Mallarmé, Moreas, Régnier. Symbolistas portuguezes. Principios da escola. Instrumentistas.**

Alguns ambiciosos, que todas as tardes se reuniam no sub-solo dum café do caes Saint-Michel em Paris, por 1880, bebendo e discutindo pela noite dentro estranhas e ainda mal definidas theorias d'arte, assentaram na organização d'um grupo litterario, d'onde devia sahir o symbolismo. Chamavam-se «hydropathas», e do grupo faziam parte E. Goudeau, M. Rollinat, Edmond Haraucourt, e tinham um jornal hebdomadario, *Lutece*. Em 1884 o grupo passou-se para o café François I, que foi verdadeiramente o berço do symbolismo.

Ao grupo adheriram outros: Jean Moreas, Charles Morice, etc. e foram um momento conhecidos por «decadentes», sob que uma pequena fracção continuou a ser designada, acceitando orgulhosamente um nome que um critico lhes atirou. Mas em breve acharam o nome de «symbolismo» que levou á celebridade, até aos confins do mundo, os homens que passavam toda a noite no seu café, sem occupação seria, com a idéa fixa de fazer-se conhecidos, embora reformando a poesia.

Chefe indiscutido da escola é Paulo Verlaine e seus prophetas Stephane Mallarmé e Jean Moreas.

Verlaine, já poeta conhecido e bisarro, physicamente stigmatisado d'um craneo asymetrico, physionomia mongoloide de malares desenvolvidos, olhos presos e barba rara, com uma vida passada pela prisão e pelos hospitaes, *dipsomano* paroxystico, com periodos de remissão e desgosto das «beberagens execradas» mas succumbindo á primeira occasião como *impulsivo* que é, allia no seu espirito emotivo a um erothismo doentio o fervor religioso mais exaltado.

Diz Anatole France que Verlaine é alternadamente crente e atheu, orthodoxo e impio, passando do cio mais bestial á devoção extatica, do peccado ao arrependimento. Nas suas poesias apparece o amor pervertido em adoração á Virgem.

Je ne veux plus aimer que ma mère Marie.

Foi toda a vida um vagabundo, arrastando o seu rheumatismo por todos os caminhos de França, pela Belgica e Inglaterra, dormindo ao relento, sem domicilio certo, cheio por tanto de ternura por todos os vagabundos, seus camaradas. E' um degenerado circular, com periodos de excitações e impulsões irresistiveis, seguidos de depressão e arrependimento. As suas poesias são profundamente mysticas, sendo eminente em exprimir estados d'alma, em que não ha necessidade d'uma idéa fundamental, para que o torna impotente a sua «rêverie» emotiva.

São admiraveis d'immaterialidade e encanto melancolico *Chanson d'automne, Il pleure dans mon coeur*, etc., que ainda nada egualou na poesia franceza. Na *Art poétique*, que é a biblia do symbolismo, estabelece como principio a musica e a nebulosidade.

O que n'elle fere á primeira vista é a *adjecti-*

vação incoherente, que parece obedecer apenas á mechanica da associação de idéas, ou á semelhança do som, o que os symbolistas chamam «a procura do epitheto raro e precioso». Assim diz «idade media enorme», «queimadura que troveja», «afeição estreita e vasta», «paysagem lenta», «perfume doirado», etc.; e a repetição fastidiosa e impertinente, em que, sem necessidade de belleza, apparece o mesmo verso, o mesmo nome, e em vez d'uma rima simplesmente a mesma palavra.

Assim na *Nuit du Walpurgis classique*:

Un rythmique sabbat, rythmique extrémement  
Rythmique.

Na *Sérénade* as duas primeiras estrophes voltam comó quarta e oitava, e nos *Chevaux de bois*:

Tournez, tournez, bons chevaux de bois,

Tournez cent tours, tournez mille tours,

Tournez souvent et tournez toujours,

Tournez, tournez, au son des hautbois.

No *Pierrot gamin*:

Ce n'est pas Pierrot en herbe,

Non plus que Pierrot en gerbe,

C'est Pierrot, Pierrot, Pierrot,

Pierrot gamin, Pierrot gosse,

Le cernau hors de la cosse,

C'est Pierrot, Pierrot, Pierrot!

Muitas vezes uma mesma palavra persegue-o á maneira d'uma obsessão, applicando-a ás coi-

sas mais insociáveis. E' uma verdadeira *onomatomania*.

O seu pensar de degenerado não o deixa «controlar» a associação de idéas, por incapacidade da atenção, apenas dominado pela emoção, cheio de idéas mysticas associadas a representações da luxuria mais desenfreada (*Les Coquillages, Fille e Auburn*).

As suas excentricidades e vagabundagem são olhadas como genio, sendo apenas a doença que não pôde occultar-se. Apesar de tudo e mesmo por tudo, foi decisiva a sua influencia na orientação da escola.

Stephane Mallarmé era tido como grande poeta, diligioso e inaudito, antes mesmo de publicar, o que só fez no fim da sua vida.

Como professor de inglez conheceu o preraphaelismo, e impoz aos symbolistas a sua admiração por esta escola. Do preraphaelismo por Mallarmé recebeu o symbolismo o «mediavalismo» e o «neo-catholicismo». No cenaculo do café François I e nas reuniões semanaes que dava em sua casa aos poetas novos ia lançando as suas theorias d'arte, que expunha na linguagem nebulosa e sonhadora dos mysticos, para os «comprehensivos», as quaes por suggestão e fraqueza intellectual eram admittidas sem reacção, como a revelação da grande nova da poesia do futuro, e lia-lhes os seus versos d'uma espiritualidade inatingivel, ethereos e delicados, como modelos da nova fórmula que ensinava.

Foi tambem decisiva na escola a acção exercida por este poeta sobre-humano e frio, impondo-se por suggestão a sua obra, como oraculos sibyllinos que só a muita fé fazia admittir e comprehendêr!

O grego Jean Moreas, um dos que acharam o nome de symbolistas, depois de nós cenaculos durante largos annos em interminaveis sessões haver dissertado sob a nova phase em que entrava a poe-

sia, publicou tres plaquettes de versos, *Les Syrtes*, *Les cantilènes* e o *Pèlerin passioné*. O apparecimento do *Pèlerin passioné* em 1891 foi recebido pelos symbolistas como um acontecimento que marcava o principio d'uma nova era para a poesia, e n'um banquete que lhe offereceram, glorificaram-o como um Redemptor que quebrava as velhas formulas, e estabelecia definitivamente o advento das novas idéas. Nas suas poesias notam-se a *repetição* das mesmas expressões, a *incoherencia* de sonho do discurso, e a *intercalação* de palavras sem relação alguma com o assumpto. Na peça *Agnès*, d'uma assombrosa infantilidade, apparecem depois de cada estrophe entrecaladas umas linhas, sempre as mesmas, que nada ahi justifica. E' do *Pèlerin passioné* a canção:

Les courlis dans les roseaux!  
 (Faut-il que je vous en parle,  
 Des courlis dans les roseaux?)  
 Oh vous joli'Fée des eaux.

Le porcher, et les pourceaux!  
 (Faut-il que je vous en parle,  
 Du porcher et des pourceaux?)  
 Oh vous joli'Fée des eaux.

Mon coeur pris en vos réseaux!  
 (Faut-il que je vous en parle  
 De mon coeur en vos réseaux?)  
 Oh vous joli'Fée des eaux.

Este mesmo Moreas pouco depois abjurou o symbolismo para fundar o *romantismo*, que pretende ser a volta á linguagem, fórma de verso e maneira de sentir dos poetas francezes no fim da idade media e epocha da Renascença, e então os mesmos que o haviam saudado como o grande poeta

que mostrava e abria os caminhos novos para a arte, negaram-lhe todo o talento, dizendo-o sem ideal, chamando ao *Pèlerin passioné* versos d'um grammatico.

Henri de Régnier nos *Sites et Episodes* manifesta-se um dos mais valiosos symbolistas, delicado e terno, com versos deliciosos que lembram um pouco as telas dos primitivos.

Je vis de ma fenêtré, ouverte sur le Rêve  
 Aucadre fabuleux, d'un vieux site écarté  
 Un verger merveilleux de rosée et de sève  
 Surgir en l'aurorale et candide clarté  
 Del'heure où l'aube naît dans la nuit que s'achève.

Muitos outros se notabilisaram, e em livros de titulos maravilhosos affirmam-se como discipulos d'estes mestres de symbolismo.

Assim Charles Vignier, o discipulo favorito de Verlaine, no *Centon*, Jules Laforgue no *Pan et Syrinx*, Gustave Kahne, que com Charles Morice é o theórico e o philosopho da escola, nos *Palais nomades*, Louis Dumur, *Las situdes*, Maurice de Plessis, *La peau de Marsyas*, Edouard Dubus, *Quand les violons sont partis*, Ernest Raynaud, *Chaires profanes* e *Le signe*, Arthur Rimbaud, *Les illuminations*, etc., cada qual mais bisarro, formam a pleiade que illustra a nova escola.

A prosa symbolica segue a mesma maneira que a poesia. Charles Morice, o philosopho e o estheticos dos symbolistas, dá bem a ideia do que seja a escola: é uma amalgama de idéas mysticas, sem originalidade, expostas n'um estylo incomprehensivel, em que a par da affirmacão de que a religião é a fonte da arte, a arte é por essencia religiosa (Ruskin), falla nos sabios do symbolismo, nos pensadores, cabeças luminosas do seculo XIX, que são

Edgar Poë, Charlyle, Spencer, Darwin, Comte, Claude Bernard, Berthelot (!).

Parece bem que o symbolismo nasceu do desejo do reclamo, principiando nas ideias mysticas de Verlaine, propagou-se, por esse mesmo desejo de notoriedade e pela parvoíce da imitação de todas as modas, pela suggestão que exerce a novidade.

Outros accorreram trazidos pela necessidade de se porem ao lado do mais forte, quando os ventos começaram a soprar favoraveis á escola, com mais probabilidade de chegar á gloria e ao dinheiro, dada a alta cotação da nova tendencia no campo das letras.

Emquanto em Paris nascia e prosperava o symbolismo, na Belgica Maurice Maeterlinck tornava-se universal pelos seus dramas symbolicos, que ultimamente tem sido representados em Paris, Londres e Viena, e pelas suas poesias (*Serres chaudes*) em que as imagens apparecem e desaparecem mechanicamente, sem uma ideia central, trazidas apenas pela associação de idéas, sem acção alguma inhibitoria dos centros da attenção. Algumas poesias são compostas de assonancias sem sentidos nem significação como *Émuvi*.

A metrica é a mais livre possivel em muitas peças que são apenas construidas de linhas de prosa, postas por debaixo umas das outras, e a attenção cança-se e esgota-se em procurar um sentido n'estas poesias macabras, que saltam constantemente d'uma idéa a outra idéa, as mais incoherentes. Nas suas obras invariavelmente apparecem hospitaes (com religiosas, remedios, operações chirurgicas, etc.), canaes cobertos de barcos e cysnes, e princezas, que o perseguem como obsessões. São evocações inconscientes.

Os hospitaes e os canaes formam o fundo da paysagem belga, o seu apparecimento na consciencia anda ligado ás impressões da infancia, e as prin-

cezas vieram-lhe da leitura das novellas pre-ra-phaelitas.

Imita servilmente o americano Wolt Whitman, vagabundo e debochado, d'uma luxuria escancara da, poeta patriota e lyrico, um dos que mostraram a arte do futuro

Em Portugal, depois da *escola coimbrã*, que se formou sob a influencia de Victor Hugo, das doutrinas positivistas e socialistas e da philosophia sentimental de Michelet e Quinet, que foi a comprehensão humana e social do romantismo, e deu homens eminentes como Anthero de Quental, o inimitavel philosopho das *Odes Modernas* e suave pessimista dos *Sonetos*; Theophilo Braga, Oliveira Martins e João de Deus, o humano e candido lyrico do *Campho de Flores*, e que tendia a declinar, visto que a Guerra Junqueiro, formado com Hugo e Musset, soffria já a influencia de Baudelaire, o decadente hypersthesiado das *Flores do Mal*, de Richepin, o iconoclasta e revoltado pulverizador de deuses e mythos das *Blasphemias*, e da *Canção dos maltrapilhos*.

Appareceu em Coimbra em 1888 uma revista litteraria *Os Insubmissos*, dirigida por Eugenio de Castro, João de Menezes e Francisco Bastos, que pretendiam reformar a litteratura, abrindo-lhe novos horisontes, segundo a orientação symbolista, surrogando a França gloriosa, manifestada por um subjectivismo desdenhoso, reacção contra o progresso, ostentação d'uma aristocracia, como guerra ao common, ao trivial e ao vulgar, dirigindo-se aos finalmente intellectuaes, com desprezo do grande publico.

Eugenio de Castro publicou os *Oaristos* e as *Horas* em 1890 e logo appareceram o *Azul e Exa-me de consciência* de Oliveira Soares, *Alma posthuma* de D. João de Castro, *Roesias* (*Pôres de sol e Biblia do sonho*) de Alberto de Oliveira, pouco depois o *Paraizo perdido* de Oliveira Soares, o *Livro*

*de Aglais e Saudades* de Julio Brandão, Só de Antonio Nobre.

Na nossa ignorancia do que já ha muito se passava lá fóra, chocados pela estranheza dos titulos dos livros, da metrica dos novos versos, em que exageros propositados faziam arripiar o burguez das letras, o movimento foi acolhido com desdens e sarcasmos, sendo baptisado com o nome de *nephelibatismo*. E' evidente que os iniciadores apenas armavam ao effeito, pelo paradoxo, pelo abstruso, em ideas e forma, talvez por insufficiencia de comprehensão de nova tendencia.

Uma vez conseguido o fim, abalada a indifferença do publico, que lia embora para rir, os nephelibatas deixaram os *trucs* que tinham em vista ferir pelo imprevisto e desacerto, perderam os atrevimentos inuteis, ficando os que tinham algum talento sendo os cultores idealistas do sonho como protesto contra a realidade crúa, affectando sentimentos requintados, sensibilidades morbidas, tomando o symbolo como formula d'arte.

Nada resta já dos exageros de metrica inhetica e inharmonica e de louvavel ficou a resurreição das antigas formas estrophicas, e a mistura de varios metros symetrica e caprichosa, etc.

Eugenio de Castro, depois de fazer rir com todos os exageros dos *Oaristos* e das *Horas*, depurando o seu lyrismo de tudo o que adrede era feito, para espantar o burguez, é o chefe incontestado dos symbolistas portuguezes.

Tem-nos dado notaveis poemas, embora sem grande originalidade, imitando descaramente Mæterlinck. A *Belkiss* é deliciosa de colorido terno, e suave de expressão esthetica. Em *Salomé e outros poemas*, *A nereide de Harlem*, *o Rei Galaor*, *Saudades do ceu*, mostra-se um symbolista sereno, d'um grande poder de execução, embora, pobre de concepção. Foge para o mundo da lenda, sedento de

ideal, amando viver fora da realidade com os heroes dos seus poemas, vistos na meia-tinta do symbolismo nevoento.

Antonio Nobre no *Só*, desdenhoso e egoista, tem versos notaveis, impregnados do vago e frio pessimismo dum emotivo que é. Muito mais vasio e superficial é o *Regresso do moço Anriques*.

Julio Brandão, artificial, refugiando-se no idealismo sonhador da *Ballada e Ronda das chimeras* nas *Saudades*, apparece mais humano no *Fardim da Morte*, cheio d'alma e resignação. São deliciosas a *Ecloga*, a *Moira encantada*.

Delfim Guimarães aproveita do symbolismo o lado religioso, o dogma como objecto d'arte, as orações lithurgicas como expressão de sentimentos, que não podem ser sinceros, dada a cultura intellectual do poeta. E' pessimista descrente da vida, duvidando ainda e soffrendo nas *Confidencias*, revertendo ao mysticismo erothico no *Evangelho*, mas postição e rebuscado, muito longe d'aquella sinceridade da *Sagesse* de Verlaine.

D. João de Castro canta um *Jesus* humano e verdadeiro, amado pela Magdalena, queixando-se da sua vontade impotente para o amor, revoltando-se contra a aridez do seu coração, emquanto a Magdalena se transforma em doce irmã, dizendo:

A noite que se fez silenciosa  
No fundo do meu ser será teu leito.

Na *Via dolorosa* pinta symbolicamente a peregrinação por este valle de lagrimas, acorrentada ao soffrimento, que um ou outro encontro allivia, para voltar mais intenso e deshumano.

Fausto Guedes Teixeira, d'uma sensibilidade morbida, neurasthenizado até á dor, é um poeta

intensamente subjectivo, atormentado de ideal, incoherente e pessimista.

No *Livro d'amor*, e na *Mocidade perdida* predomina o desalento da vida, perdidas as illusões, desenganado do amor e do esforço.

Mas já na *Esperança Nossa*, bem inferior, surge uma fundada confiança no amor sereno e doce d'um lar, acariciado das ternuras da mulher amada, apoz a redempção pelo sofrimento.

Manoel da Silva Gayo, depois de haver feito a poesia regional com notavel exito, n'*O mundo vive de illusão*, segue o symbolismo pessimista, mostrando-nos a fragilidade dos encantos do Amor, da Fé e da Acção, quando se tenta a verdade, e n'*As tres ironias* tenta concretisar a idéa de que a Perfeição, o Amor e a Riqueza são meros sonhos. Tem bellas estrophes.

Anthero de Figueiredo no *Tristia* e no *Alem* mostra-se pessimista desilludido, já no *Partindo da terra* apparece amando a natureza, possuido d'um pantheismo são, gosando do sol, da seiva, da luz, que attestam a vida.

Nas *Palavras d'Agnello* retrograda ao pessimismo egoista, encerrando-se no campo estreito do sofrimento pessoal.

Julio Dantas, o mais amargo pessimista do *Nada*, como um dissecador de cadaveres cantando o puz e a miseria, usando e abusando de termos antiquados, deu-nos ha pouco um drama somenos, *O que morreu d'amor*, n'uma linguagem perfeita e archaica.

Em prosa, João Barreira, revelou-se um dos mais finos symbolistas nos *Gouaches*, delicioso de linguagem diluida e suave, diffundindo-se no infinito do sonho.

Mesmo Guerra Junqueiro já sacrificou no altar do symbolismo, sendo verdadeiramente o artista inegalavel, como em tudo, n'*Os simples* e mesmo algo no *Patria*, mostrando quanto as modernas

tendencias tem de esthetico, uma vez evitados os exageros da escola.

Não verdadeiramente filiados na nova escola, artistas notaveis tem apparecido, especializando-se Carlos de Lemos e João Grave, vendo e sentindo como poucos, d'uma extraordinaria delicadeza de execução, com um talento real, bucolico simples, colorista sem cruezas nem rudezas, fino de conceito e de expressão, no *Livro de sonhos* e nas *Macieiras em flor*, que são bellas promessas.

Pode mesmo dizer-se que na moderna litteratura portugueza é symbolista a feição dominante, livre já do que tinha d'accentuadamente pathologico, ou adredemente irritante.

O symbolismo tem pretensões a ser uma escola litteraria, com os seus principios estabelecidos, com o seu credo philosophico e esthetico.

Antes de tudo é o symbolismo uma volta pura e simples ao catholicismo como philosophia, e como resumo dos principios estheticos faz lei a *Art poetique* de Verlaine.

De la musique avant toute chose,  
Et pour cela préfère l'Impair,  
Plus vague et plus soluble dans l'air,  
Sans rien en lui qui pèse ou qui pose.

Il faut aussi que tu n'aïlles point  
Choisir tes mots sans quelque méprise,  
Rien de plus cher que la chanson grise,  
Où l'Indécis au Précis se joint,  
C'est des beaux yeux derrière des voiles,  
C'est le grand jour tremblant de midi,

C'est par un ciel d'automne attiedi,  
Le bleu fouillis des claires étoiles!

Car nous voulons la nuance encor,  
Pas la Couleur, rien que la nuance!  
Oh! la nuance seule fiance  
Le rêve au rêve et la flûte au cor!

Fuis du plus loin la Pointe assassine,  
L'esprit cruel et le Rire impur,  
Qui font pleurer les yeux de l'Azür,  
E tout cet ail de basse-cuisine!

De la musique encore et toujours,  
Que ton vers soit la chose envolée,  
Qu'on sent qui fuit d'une âme en allée  
Vers d'autres cieus à d'autres amours.

Aqui vemos a confusão arvorada em principio, como o é catholicismo exaltado que anima todas as obras symbolicas. E para chegar a este resultado, para a expressão obscura de pensamento aconselham o despreso das palavras usadas vulgarmente. Empregam-as em sentidos novos, inventam outras furiosa quando não barbaramente. Em revolta contra a grammatica usual, empregam as palavras em combinações estranhas, que ferem por vezes o ouvido como phrases de lingua hottentote, e libertam o verso das regras que o opprimem, usando-o da maneira mais caprichosa, sem attenções á rima, nem á cesura, nem á medida por vezes, contra a esthetica corrente.

Isto prova apenas que o verso francez ainda não chegou ao avanço que attingiu nas outras linguas.

Recommendam principalmente a musica, dando ás palavras um valor pelo som em vez de ser pelo sentido. Tudo isto se reduz, conforme dizem, ao emprego perfeito do symbolo. Parece que ainda os symbolistas não concordaram no verdadeiro sen-

tido a dar a esta palavra, Assim Stephane Mallarmé diz: *nomear* um objecto é supprimir as tres quartas partes do praser, que é feito da felicidade de adinhar; *suggeril-o* eis o sonho.

E' o perfeito uso d'este mysterio que constitue o symbolo: evocar pouco a pouco um oblecto e d'elle desprender um estado d'alma por uma serie de decifrações.

Paulo Adam chama á arte a inscripção d'um dogma n'um symbolo.

O philosopho e theorico da escola, Charles Morice diz: o symbolo é a mistura dos objectos que despertaram o nosso sentimento e da nossa alma n'uma ficção. O meio é a suggestão; tracta-se de dar a lembrança de qualquer cousa que nunca se viu. Na sua expressão mais perfeita o symbolo seria, como diz Brunetièrre, uma ficção concreta, figurada, plastica, movediça e colorida, animada da sua própria vida, pessoal, independente, capaz de bastar a si mesma, de se organizar, de se desenvolver; mas uma ficção cuja correspondencia é inteira com um sentimento, ou uma ideia que ella envolve. E' a reintegração da ideia na poesia.

Do symbolismo, alem do ramo que se scindiu com o nome de *decadentismo*, quando crearam o de symbolismo, e do *romanismo* de que é chefe Jean Moreas, já saiu a seita dos *instrumentistas*, que ligam ao som uma sensação colorida determinada, e exigem que a palavra a par da emoção musical produza um effeito esthético como harmonia de côres. Esta escola teve origem no soneto de Rimband :

A noir. E blanc, I rouge, U vert, O bleu, Voyelles,  
Je dirai quelque jour vos naissances latentes :  
A noir corset velu des manches éclatantes,  
Qui bombillent autour des puauteurs cruelles,

Golfe d'ombre ; E, candeur des vapeurs et des tentes,  
 Lance des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles.  
 I pourpre, sang craché, rire des lèvres belles.  
 etc.,

e tem por chefe René Ghil que no seu *Tractado do verbo* dá os valores chromaticos das vogaes isoladas e dos instrumentos musicaes. Assim as harpas são brancas, azues os violinos, os cobres rubros, as flautas amarellas, etc., emquanto que Francis de Poictevin nos seus *Ultimos sonhos* nos ensina os sentimentos que se ligam ás cores:—o azul vae do amor á morte. Do azul turqueza ao azul indigo passa-se das pudicas influencias ás destruições finaes.

Sobre isto estabeleceram a theoria da audição colorida, que seria privilegio das organizações extremamente finas, ou repousaria sobre uma hypothetica e anormal communicação entre os centros opticos e acusticos.

Un non. E blanc, I rouge, U vert, O bleu, Voyelles  
 Je dirai quelque jour vos naissances latentes :  
 A non corail vein des marches éolantes,  
 Qui bondissent autour des pauvrements cruelles.

# Diagnostico



## **I — Degenerescencia. Sua extensão, etiologia e stigmatas.**

**Hereditariedade, impulsão, obsessão. Degenerados inferior, superior, degenerante.**

**Psycopathas sexuaes.**

**Obsediados. Impulsivos. Emotividade morbida. Estado mental de degenerado neurasthenico. Mysticismo. Stigmatas sociologicos. Desequilibrios superficiaes.**

Sendo a vida uma resultante da lei geral da acção e reacção, que no dominio biologico s'exprime pelo determinismo, especializando-se com applicação ao animal com o nome de reflexo, a personalidade humana não é senão o producto d'um organismo evoluindo no meio, soffrendo-lhe as acções e reagindo segundo o modo uniforme do reflexo, com a propriedade fundamental da nutrição e da resultante immediata d'esta — a reproducção. O reflexo apparece dominando toda a evolução da materia, partindo da irratibilidade para cantonar-se nos actos psychicos e conscientes.

Desde que o reflexo é permanente e automatico, o centro está saturado; a sua instabilidade implica a incompleta adaptação do centro. No homem são centros de plena saturação a medulla e o bolbo, d'equilibrio estavel, funcionando automaticamente, a que estão affectos os phenomenos nutritivos.

Os ganglios da base, sede dos phenomenos affectivos, representam as sensações brutas, sub-conscientes, em quanto que os centros corticaes, em plena instabilidade, constituem a mais alta perfeição que realisou o reflexo, sede da consciencia nitida, que para ahi emigrou dos centros medullo-bulbares, depois de nascer com o primeiro reflexo, ligada á sua instabilidade evolutiva. Da acção do meio se crearam no organismo as necessidades que enchem todo o campo do inconsciente, prolongando-se pela psychicidade. A evolução do animal não é no fundo senão a evolução das suas necessidades. Na immensa cadeia que vae da *monada* ao *homem* não ha mais que a lucta pela nutrição e consequentemente pela reprodução. Foi o systema nervoso o encarregado de prover á satisfação d'estas necessidades e só mais tarde se creou necessidades proprias, pela acção prolongada e hostile do meio. Toda a actividade animal e humana é règeida pela procura da satisfação, e necessidade de fugir á dôr, consequencia da não satisfação.

Sobreposta a consciencia ao dominio do inconsciente, organizado em instincto, a actividade psychica passa-se no cortex. Da profundeza do organismo partem até ao cortex, de cada orgão, tecido e cellula, pelos filetes nervosos, ao longo da medulla, as excitações, como as influencias do meio physico e social. D'esta conflagração resulta a personalidade, caminhando para a adaptação. Consegue-se esta pela cordenação que existe em tudo, nas sensações e nas imagens, na volição, na ideação, até na imaginação que é a essencia mesma da intelligencia, traduzindo-se no dominio exclusivo das necessidades psychicas, em vista das syntheses e cordenações futuras. O equilibrio humano representa apenas a adaptação limitada a uma porção do tempo e do espaço, das tres grandes funcções nutritivas, affectivas e intellectuaes. O equilibrio definitivo seria a morte physiologica e psychica, como a eterna iner-

cia do mundo physico. O equilibrio d'um centro permanece solidario do equilibrio dos outros. Mas ainda sob a influencia preponderante do meio o equilibrio rompe-se, dissocia-se. D'aqui se origina o grupo dos desequilibrados e, n'um gráo mais avançado, dos degenerados.

Nasceu com a concepção de Morel, que partindo da idéa biblica da perfeição primitiva, definiu a degenerescencia como o desvio pathologico do typo normal da humanidade, uma degradação do ser primitivamente dotado de todas as perfeições, que em si encerrava os elementos da continuidade da especie; progrediu com Magnan, que limitou bem o grupo, sendo a degenerescencia o estado de ser, que comparativamente aos seus geradores é diminuido em sua resistencia psycho-physica, estado traduzido por stigmas, essencialmente progressivo mais ou menos rapidamente para a extincção; e completou-se com Dallemagne que intercala, como fórmãs de transição entre os degeneradores superiores e inferiores, os neurasthenicos, hystericos e epilepticos, como partindo a familia degenerada e a familia nevropathica da mesma fonte — a hereditariedade como causa predisponente.

Como concebemos tres desequilibrios, o vegetativo inconsciente, o affectivo de consciencia atenuada, interessando a existencia do individuo e da especie, e o equilibrio psychico presidindo á evolução sociologica, assim o desequilibrio e a degenerescencia pôde successivamente attingir as tres individualidades. A degenerescencia segue a chamada lei de regressão, que é uma generalisação da que Ribot demonstrou para os factos da memoria, e segundo a qual as structuras ultimamente formadas são as primeiras a desorganisar-se. Assim primeiramente affectadas serão as funcções complexas do elemento psychico no dominio do cortex, da intellectualidade pura, das idéas, imagens e sensações, a

desorganisação reproduzindo em sentido inverso a organização, a involução a evolução. Depois atingirá a vida affectiva e por ultimo os phenomenos nutritivos.

D'esta maneira ficam em primeira ordem os degenerados nutritivos, condemnados á irremediavel extincção, abrangendo o cretino, o idiota, o imbecil, o debil; n'um segundo grupo os desequilibrados da motricidade, da sensibilidade, da affectividade, entre os quaes os psychopathas sexuaes; e n'uma terceira cathgoria os desequilibrados do intellecto, os phobicos e obsediados.

Na etiologia da degenerescencia entram, segundo Dallemagne, causas exclusivas ao meio, exclusivas ao individuo, e causas communs ao individuo e ao meio. Assim são factores da degenerescencia os phenomenos cosmicos e sociaes, como as disposições individuaes. A hereditariedade em todas as suas fôrmas (vesanica, nevropathica, pathologica), as doenças, o alcoolismo, as constituições e caracteres particulares de educação, qualidades moraes, e vicios, os costumes, a religião, as leis, a industria, tudo influe na genese da degenerescencia.

A verdade é que o homem, civilisando-sé, afinou os sentidos, accentuou as preferencias funcçioaes, e tornando assim mais difficil a satisfação physiologica, fica a necessidade por satisfazer como causa de perturbações; d'outro lado, augmentando a lucta pela existencia, difficultando-se, d'este modo se estorvam as nossas tendencias e funcções; e ainda pela especialisação das necessidades, prejudicando o jogo regular dos centros; na vida intensiva que leva a excessos, a intemperança e d'ahi ás diatheses e doenças, esgotado pela hypersthésia genésica, é o homem um juguete biologicamente da hereditariedade, e socialmente do meio, levado pela civilisação que criou á neurasthenia, que está no principio da estrada nevropathica, que leva pela histeria e epilepsia ao ultimo grau da degenerescencia.

Mas se complicada e banal é a etiologia, não menos complexos são os symptomas. Por quanto são stigmas todas as disposições essenciaes, permanentes e especificas que destroem a harmonia biologica, estorvando o cumprimento regular da função. Assim pôdem ser anatomicos, physiologicos e sociologicos. Os stigmas anatomicos pôdem attingir todos os apparelhos, traduzem a tara chegada ao mais alto ponto, implicam a involução nutritiva e comportam a irreductibilidade absoluta, e caracterizam particularmente o grupo dos degenerados inferiores. As taras physiologicas, incluindo as psychicas formam uma ordem ascendente, tocando pelas desordens funcio-naes — as nevroses, nos degenerados inferiores, e pelas perturbações intellectuaes ligando-se aos degenerantes. Os stigmas sociologicos, aferindo o criterio da adaptação traduzem o desequilibrio effectivo, levando-nos á noção moderna do crime, em pleno determinismo social. Pois a inadaptação ou opposição ao meio, quando o individuo não succumbe, gera o enfraquecimento, exigindo a lucta.

Mas dois attributos essenciaes dominam o grupo inteiro dos degenerados, sendo a rasão da sua especialisação — a hereditariedade e a impulsão.

Em qualquer das suas fórm as a hereditariedade, mantendo e avultando a tara atravez das gerações, causa a predisposição, capitalisando-se. A sua intensidade regressiva é comparavel ao seu poder evolutivo, guardando as menores acquisições, valendo tanto quanto mais prematuramente applicada. A impulsão morbida traduz o desequilibrio d'um ou mais centros, é intrinseca, em opposição á impulsão normal, passageira, extrinseca, residindo na hypersthesia do orgão, ou na intensidade anormal da excitação. No degenerado inferior a impulsão morbida resulta da raridade dos centros d'elaboração e d'apathia dos de recepção; no degenerado superior explica-se pela hypersthesia ou impressionabilidade d'um ou varios

apparelhos, e fraca inibição dos territorios visinhos. Implica a obsessão, de que é a consequencia final, a irradiação para as zonas rolandicas, a sua explosão motora. Toda a idéa que se torna tenaz, absorve a actividade, impõe a sua cõr, perdendo o caracter d'espontaneidade, partindo por transições insensíveis da preocupação que já é uma hypertrophia da attenção, torna-se dolorosa, accusa-se como necessidade reclamando satisfação.

Revela-se como um desequilibrio na associação d'idéas, ou melhor representa a systematisação final d'uma idéa que faz tudo convergir para si, absorvendo ou inibindo outras associações, explue na impulsão. Mas como a systematisação das idéas deve ser procurada na systematisação das sensações e das funcções, tendencias e instinctos, a obsessão morbida traduz em ultima analyse o desequilibrio das tendencias affectivas, que é a rasão do desequilibrio psychico, necessita uma certa tensão e persistencia, acompanhada de inibição, impondo-se-nos, como uma desagregação psychica.

Depois d'isto já podemos distinguir entre os degenerados absolutos, os irreductiveis, no ultimo grau da involução, e os degenerantes, de tara menos pesada, abrangendo grande parte dos epilepticos, hystericos e neurasthenicos graves em que o triplice criterio da precocidade, origem, e intensidade, basta a assegurar a degenerescencia. No vertice das tres nevroses essenciaes ficam os degenerados superiores de Magnan, desequilibrados de Dallemagne, de perturbações ainda que manifestas, unilateraes, conservando fóra d'ellas a apparencia normal, o aspecto regular.

Acima d'esta cathegoria ha os desequilibrantes, ou degenerantes, candidatos ao desequilibrio, que mais seria funcção do meio.

Consideramos a degenerescencia superior entre as nevroses, porque a estas as vemos como a exte-

riorisação de desequilíbrios parciaes, mais ou menos cordenados ou dissociados, syntheses das taras.

Assim o degenerado superior é um nevropatha mono-symptomatico, de desequilíbrio isolado e parcial. As suas faculdades são por vezes brilhantes, e a tara muitas vezes apenas se traduz por uma modalidade de character, uma bisarrieria, uma excentricidade, como pôde attingir uma das grandes funções physiologicas, indo o desequilíbrio das necessidades nutritivas e genesicas ás mais altas faculdades intellectuaes.

O estudo do desequilíbrio nutritivo conduzia ao estudo das diatheses e nevroses. Corollario das funções nutritivas são as funções genesicas e intellectuaes, cujas anomalias são os essenciaes factores da regressão. E assim n'uma cathegoria de degenerades superiores estão os *psycopathas sexuaes*. Depois do instincto de conservação é o amor o factor mais valioso da evolução, e a sua perversão morbida, por vezes aniquilando-o, leva inevitavelmente á extincção da geração. Como quer que seja, intenso ou reduzido, brutal ou poetisado, traduz sempre a necessidade genesica, anatomicamente assente por um lado na medulla, tendo um centro sensitivo nos ganglios da base, accionados pelos centros corticaes. Varias são as *psycopathias sexuaes*, podendo fazer-se dois grandes grupos: n'um a preversão, apesar da anormalidade, não perde de vista o seu fim — satisfação da necessidade genital; n'outra cathegoria é excluído o acto venereo.

No primeiro grupo abrangemos os *uranistas*, que seriam a expressão d'um erro physiologico, traduzindo uma anomalia funcional, em que os caracteres masculinos soffrem a regressão e a metamorphose. O uranismo tem o seu equivalente feminino no *tribadismo* que immortalisou o genio de Sapho.

No *sadismo* o *psycopatha* precisa despertar pela morte ou pelo sangue, ou pelo grito de dôr das vi-

ctimas, os centros genésicos inertes a outras excitações.

A *necrophilia* necessita da profanação dos cadáveres e com a *bestialidade* representa o mais monstruoso desvio de sentido genésico. Os *violadores* e os *incestuosos*, os *onanistas* buscam o goso na sua aberração, ou como impulsivos ou simplesmente obsediados.

A *satyriasis* e a *nymphomania* são a expressão exagerada, morbida da vida sexual normal.

Na segunda cathegoria ficam os *fetichistas*, os *exhibicionistas* e os *erotomanos*, em que o desejo sexual desaparece completamente do dominio da consciencia, permanecendo confinado no inconsciente. No *mysticismo* o ser amado habita os ceus. A aberração sexual é um syndroma de degenerescencia, filha e mãe da aberração mental.

N'uma outra serie de degenerados superiores estão os *obsediados* e *impulsivos*.

A obsessão e a impulsão dominam toda a degenerescencia, desde o idiota em que traduzem a inercia dos centros corticaes, até ao nevropatha brilhante, em que indicam a hypersthesia central, e desordens na systematisação das operações do espirito, que parecem depender aqui da obsessão de natureza ideativa. A obsessão póde em verdade ser d'origem nutritiva, levando raramente á impulsão morbida, genital, existindo nas psycopathias sexuaes, e ideativa, em que uma palavra ou pensamento se impõe ao espirito, fóra da vontade, sem mal-estar a principio, com angustia que a torna irresistivel no estado pathologico. Graduando a intensidade e complexidade póde a obsessão ser intellectual, sem sair dos territorios da ideação, sendo uma fórmula hypertrophizada da preocupação; ser emotiva, levando ao sentimento com representações motoras; e ser impulsiva, necessitando consideravel força inicial para triumphar da inercia dos centros a ponto d'attin-

gir a imagem motora e pôr em jogo o aparelho motor.

Na *obsessão impulsiva*, pôde a impulsão secundariamente só implicar repercussão da obsessão sobre o centro motor, como manifestação accessoria; ou ser a exteriorisação da idéa motora, que enche inteiramente a obsessão.

D'estas ultimas particulares ao degenerado superior notam-se as *impulsões criminosas* (*impulsão ao homicidio*, ao *suicidio*, a *pyromania*, a *kleptomania*, etc.). A obsessão criminosa é sempre impulsiva, e a inexploração só provém do dynamismo muito fraco da representação, e das acções inhibitorias dos territorios visinhos.

Raramente a impulsão pôde nascer subitamente, supprimindo parcialmente os preliminares da obsessão, á maneira do reflexo, resultando do estímulo instantaneo; as mais das vezes ha a lucta com a idéa fixa obsediante, que temporisa, com phases de remissão, e exacerbamento. Depois das obsessões criminosas vem as *manias obsediantes* de character menos aggressivo, e menos delictiuoso.

Socialmente a mais importante é a *dipsomania*. É uma impulsão real, com acalmias e paroxismos.

Fóra das crises o dipsomano é sobrio, manifestando por vezes repugnancia pelas bebidas. O acesso sobrevem sem motivo, e a dipsomania complica-se ás vezes de idéas de suicidio ou de homicidio. Exige a predisposição. Na *sitiomania* a bebida é substituída pelo alimento. A *onomatomania* é a busca angustiada da palavra, a obsessão da palavra que se impõe, a influencia funesta ou preservadora de certas palavras, ou a palavra pesando atravessada no estomago. A *mania do jogo*, a *das compras*, e entre as adquiridas a *morphinomania*, são frequentes. Da intensidade da obsessão vem a sua significação degenerativa.

Segundo a escola allemã a paranoia e a neurasthenia substituiriam a degenerescencia superior, mas as mais acreditadas theorias fazem da obsessão e impulsão syndromas episodicos do que se chama loucura dos degenerados hereditarios.

A *obsessão emotiva* é caracterizada pelo predomínio obsediante d'um sentimento que secundaria-mente só póde gerar idéas e impulsões. As fórmas obsessivas da emoção são as *phobias*.

A synthese mais geral e fundamental dos residuos emocionaes é o medo, que, quando physiologico, é uma transformação do instincto de conservação; os medos morbidos representam o desvio do instincto, o disequilibrio funccional, sob o ponto de vista evolutivo o contrario do medo physiologico. Aparecem espontaneamente, são de character angustiante. O *medo dos espaços* (a *agoraphobia*, o *medo do vazio*, a *acrophobia*, a *cremno* e *claustraphobia*, etc.), o *medo da agua*, o *dos liquidos*, o *do sangue*, a *pyro* e *klepto-phobia*, o *medo das multidões*, o *dos animaes*, o *das doenças*, o *da morte*, o *da dôr*, etc. constituem outras tantas perturbações dos centros affectivos. Chegam a ter medo do medo — a *phobophobia*, phenomeno vulgar nos neurasthenicos. Mas, como não ha essencial distincção entre a obsessão impulsiva, que é emocional até a explosão motora, e a emotividade morbida que se acompanha de representações motoras, tambem esta fundamentalmente se não distingue da intellectualidade morbida. Porquanto passa-se do dominio da obsessão emotiva para o da *obsessão intellectual* substituindo gradualmente nos motivos da emoção ao objecto as idéas, ás emoções vagas as entidades das phobias, uma idéa, uma preocupação, um phenomeno mental determinado.

Assim substituindo ao sentimento a idéa como substratum do medo, temos o *medo da idéa*, que é o refinamento da intellectualidade morbida. Uma

fôrma mais grave é a *loucura da dvida*, o typo das obsessões caracterizadas por indecisões.

São objecto da preocupação idéas abstractas, os problemas obscuros da vida, de Deus, etc.; as coisas banaes, como côr dos cabellos, dos olhos, etc.; idéas religiosas, como involuntarias offensas a Deus, receio do inferno, etc.

Notam-se o *delirio de negações*, a *loucura dos anti-viviseccionistas*, em que a par do amor exagerado dos animaes ha a aversão pela familia humana. Póde affectar a fôrma de *remorso*, d'hypertrophia da *necessidade de saber*, n'uma palavra, as manifestações intellectuaes mais elevadas não escapam á obsessão morbida.

A vida normal na realidade apresenta n'uma gama attenuada a maior parte das perturbações que reforçadas caracterizam a emotividade morbida. Morel, Falret, e ultimamente Grasset, com exemplos pessoas mostraram a perpetua tendencia do espirito bem equilibrado a realizar automaticamente a obsessão. É o inconsciente que nos assoberba. A par da vida real quantas vezes não vivemos o sonho — a vida do inconsciente — andando-nos o espirito por uma segunda vida que domina e obsorve a primeira!

É o inconsciente, recebendo directamente as impressões do meio e do organismo, elaborando-as, transformando-as, para d'ahi passarem aos centros emotivos, onde revestem ás vezes o character mais requintado. Porque são os estados emotivos os factores primordiaes da metamorphose, como a origem e a rasão dos disequilibrios mais profundos. É a perturbação emotiva capitalisada que os stigmas traduzem. Os centros emotivos explicam o disequilibrio nas nevroses, intervêm largamente nas psychopathias sexuaes, são factores etiologicos de valor na grande cathegoria dos impulsivos e obsediados de todos os generos. Em ultima analyse é a emotivida-

de que impera em toda a nossa vida affectiva e intellectual, regulando as paixões e as idéas, preparando, na sombra do inconsciente a trama da vida consciente, como é na emotividade morbida que assentam as origens da loucura que a seu modo é uma tara d'alta degenerescencia. A emotividade morbida encontra-se n'uma parte dos epilepticos, em muitos hystéricos, mas principalmente nos neurasthenicos. Os neurasthenicos traduzindo a sua asthenia pela emotividade ou pela intellectualidade são o nosso degenerado superior.

Os degenerados superiores apresentam stigmas da neuropathia e são principalmente caracterizados pelos stygmas physiologicos e sociologicos, attenta a sua alta significação na escala degenerativa. Assim tem perversões da sensibilidade geral e especial, da motricidade, hypomentalidade geral, originado tudo da depressão organica.

No estado mental do *degenerado emotivo e neurasthenico*, vem em primeira linha o predominio doentio da emoção, dependente do estado depressivo funcional, ou de lesões cerebraes. Não ha proporção entre a emoção e a excitação que a provoca.

Assim um motivo insignificante faz-o rir ou chorar abundantemente, um verso banal arrebatam-o, estatuas ou quadros indifferentes arrebatam-o, uma scena vulgar deslumbra-o. E orgulha-se de vibrar tão fortemente, de tão intensamente experimentar o bello, tendo mais fina comprehensão, e como superior despreza o vulgo que tem a sensibilidade romba.

A par d'esta hypersthesia tem a insensibilidade para os grandes motivos. E' verdadeiramente um pervertido ou invertido da sensibilidade. Chega a ter a volupia da dor, a necessidade do soffrimento. Por outro lado tem a insensibilidade moral, não distingue entre bem e mal, por anesthesia dos centros. E' de caracter aggressivo, não se domina, por falta d'acção inhibitoria dos centros corticaes. Isto

no dominio psycho-sensitivo. Na esphera psychomotor a vontade é fraca, o doente é um perplexo, tem a *abulia*, a impotencia funcional da vontade. Esta incapacidade motora provem ou da perturbação das funcções psycho-ideativas e psycho-sensitivas, ou de lesão directa dos territorios motores. Com effeito toda a idéa implica a sua realisação motora. Não podemos pensar sem fallar, sem movimento, senão exterior, interiormente. Concede-se bem que a perturbação da intelligencia arraste a da vontade, ou melhor da volição, que d'aquella é complemento. E assim pelo predomínio morbido da emoção, que influe na ideação, como esta depois emite influxos para a esphera da sensibilidade, ainda a vontade depende da pathologia emotiva.

Por outro lado ha movimentos, não dependentes senão do estado de tensão dos centros psychomotores, que tem a sua acção propria, e assim a fraqueza da vontade pode vir da asthenia dos centros psycho-motores, como da dos outros centros.

Na esphera psycho-ideativa nota-se o estado de *adynamia* e desalento intellectuaes, que revestem de forma de pessimismo, ou de receio vago de tudo, ou de desgosto de si mesmos.

Assim no degenerado neurasthenico ha a *aversão por toda a acção*, que póde ir até ao horror de obrar, resultante da asthenia psychica, embora, em obediencia á lei da causalidade que domina o espirito, s'inventem motivos conscientes para explicar a inconsciente incapacidade da acção, construindo a philosophia da renunciação, glorificando o *irvana*.

Pela *fraqueza psychica* a attenção diminue, impera a associação d'ideias sem systematisação. Não pode concentrar-se n'uma idea preponderante com inibição das outras que surjam do inconsciente. Desapparece o character mono-ideativo da attenção, o pensamento é confuso, o juizo pouco seguro. Assim tem o amor da *«réverie»*, ligada ainda á in-

capacidade da acção. Porque não é capaz de fixar a atenção, de apanhar, ordenar e elaborar em apercepções e juízos as impressões do mundo exterior, que os sentidos tragam á consciencia distrahida, deixa-se, por mais facil, seguindo a lei do menor esforço, mergulhar na perpetua embriaguez d'imagens obscuras, nebulosamente fluidas, embryões de pensamentos, sem inhibir as associações d'idéas, e as successões d'imagens caprichosas. Não disciplina o tumulto confuso das apercepções fugidias. Glorifica-se da imaginação desenfreada, e dedica-se com predilecção a occupações livres, que permitem a vagabundagem do espirito, por incapaz d'uma occupação regular. Como não pôde adaptar-se ás condições da vida normal, *revolta-se* contra o estado de coisas e maneiras de vêr, que lhe são impostas, quando não fosse por outro motivo, por lhe exigirem o refreamento de si mesmo, prejudicado pela debilidade da vontade.

É assim julga-se destinado a reformar o mundo, e imagina para a felicidade do genero humano theorias que se distinguem pelo *ardente amor do proximo*, e uma sinceridade tocante, a par da monstruosa ignorancia da realidade. Isto quando não é revoltantemente *egoista*.

Na memoria é *hypomnesico* e *amnesico* por vezes. O ultimo adquirido é o primeiro a desaparecer. Não pôde evocar, perdê a lembrança dos nomes, das datas, dos logares, dos factos, esquece o que diz e o que faz.

Por outro lado perturbando-se a *coenesthesia*, pelo desequilibrio nutritivo e genesico, o homem sente-se mal, e como a intelligencia funciona mal, tambem a *coenesthesia* moral desagradavel se dá. E sendo o mundo exterior um prolongamento do mundo interno, sendo puramente subjectiva a distincção entre o eu e o não-eu, conhecendo nós a materia pelas sensações, porque o nosso espirito está bem ou mal impressionado, o seu funcionamento é agra-

davel ou desagradavel, assim o mundo se nos apresenta bom ou máo. Da percepção dolorosa do mundo exterior, ou *dysesthesia*, das perturbações da *coenesthesia* e da incapacidade motriz, da *asthenia psychica*, que o faz vêr a sua inutilidade nasce o pessimismo. Ao neurasthenico fere-o o mundo pela sua hypersensibilidade, a par da fraqueza psychica; chega a sómente sentir a dôr, n'um alheamento da vida exterior. Da tendencia que em nós ha para vêr-mos como inutil o que está acima do nosso esforço, vemos como inutil o mesmo esforço, e assim lançamos no desespero d'um vencido sem lutar.

E'-se *pessimista* porque o mundo nos fere a sensibilidade morbida e porque não podemos fugir á dôr e assim conforme o nosso caracter sympathico ou antipathico vemos na humanidade companheiros de desgraça, peregrinos da mesma romagem dolorosa, ou inimigos que com nossa dôr se não importam, causa do nosso mal, e que odiamos. Anthero de Quental e Leopardi, Amiel são pessimistas lithanicos, sentindo a dôr universal; Schopenhauer, Swift são pessimistas misanthropicos, egoistas, sentindo a sua dôr, despresando a dos outros.

Muitas vezes ainda as perturbações são bastante fortes para neutralisar o instincto de conservação, e o individuo perde o amor á vida; e vendo-a como soffrimento e mal, *tende a suicidar-se*. Não é este suicidio o termo da idéa obsediante, é o meio de não soffrer, a terminação da morte que começou com a *asthenia*.

Se o não realisa é porque lhe falta a capacidade para o esforço, porque é um *obulico*. Se em vez da percepção dolorosa do mundo exterior temos a percepção confusa, resultante só do desequilibrio psychico, apparece o *mysticismo*, syndroma capital, chegando Max-Nordau a capitular de mysticos quasi todos os intellectuaes da ultima camada.

O mysticismo é o estado d'alma em que se jul-

ga perceber ou presentir relações desconhecidas e inexplicadas entre os phenomenos, como indicadores de mysterios, ou como symbolos reveladores do maravilhoso. A consciencia percebe uma forte emoção como effeito do presentimento, quando em verdade é a causa de que elle recebe a tendencia e o colorido. A causa do pensamento mystico é a *fraqueza cerebral*. Por quanto no degenerado a attenção, que é a primordial operação do espirito, que põe em ordem o cahos da associação de idéas, achando-se enfraquecida ou paralyzada, as representações apparecem na consciencia trazidas pelo fogo desregrado da associação de idéas.

Ao lado d'umas representações, como a vontade não intervem para as reforçar ou supprimir as estranhas ou oppostas, surgem outras automaticamente, e sendo simultaneamente contidas na consciencia, e quasi com a mesma intensidade, resulta uma idéa que as contenha a todos e necessariamente absurda. D'aqui juizos falsos sobre os phenomenos do mundo, que é percebido como uma imagem vaga e desfigurada. Ainda mais a excitação, seguindo as vias da associação de idéas, ou por visinhança anatomica, desperta grupos cellulares proximos ou affastados, que trabalham isoladamente, que a attenção não inibe, e d'aqui na consciencia nascem a par d'apercepções claras outras mais sombrias e escuras, que misturando-se ás apercepções nitidas, tiram-lhe a clareza, de maneira que a consciencia é cheia de idéas que só indistinctamente percebe. O juizo torna-se, pois, dubio e fugidio como as brumas.

Ao *pensamento nebuloso* do mystico corresponde a *maneira indecisa* d'exprimir-se. Em verdade não ha palavras que traduzam o que se vê como atravez do fumo.

Para exprimir as suas idéas confusas o mystico ou emprega as palavras usuaes n'um sentido que só elle percebe, differente do convencionado, ou inven-

ta palavras novas, incompreensivas para os outros, ou produz as juxta posições estupeficientes de palavras, tão características da doença. Como este modo d'expressão, por nebuloso, dá que pensar, assim o mystico parece profundo, quando é obscuro. E' profundo do mesmo modo que são profundas a metaphysica e a theologia, os livros de magia e as prophcias.

O *conteúdo do pensamento mystico* é fornecido pelo grau de cultura, educação, impressões, etc. Assim o homem grosseiro torna-se supersticioso, o naturalista, o inventor da 4.<sup>a</sup> dimensão do espaço como Zoellner, o religioso nutrido de dogmas faz-se propheta, ou revelador de religiões, etc.

Mas o cortex recebe excitações do meio externo e interno, d'ordem nutritiva e genésica, e como entre os centros organicos os centros genésicos são frequentemente deformados ou pathologicamente sobre-excitados, nascem no cerebro do mystico apercepções em relação com a sexualidade, duráveis como a excitação que os provoca.

Portanto a par das ideas religiosas ha *apercepções sexuaes*, que o doente refere á mesma impressão, e d'ahi a mistura de espiritualidade e sexualismo, fervor religioso e amoroso que caracteriza o pensamento mystico.

Mas ao lado deste mysticismo por *fraqueza da attenção* ha outra forma devida a uma anomalia da excitabilidade do systema nervoso.

Pode o cerebro não ter a sua excitabilidade normal, ser obtuso e não poder elaborar percepções nitidas; pode a obtusidade ser attributo dos nervos sensitivos. Pode haver *hyperexcitabilidade* geral, dando as naturezas doentamente sensitivas, que tudo magoa — os mysticos por percepção dolorosa do mundo exterior, por concepção pessimista da vida. Assim Anthero de Quental.

Ou a hyperexcitabilidade ser localisada a grupos cellulares do cortex, e assim nascem as *obses-*

sões e idéias fixas, e d'n'um grau mais intenso as *hallucinações e delírios*, via a par d'apercepções normaes. Num grau mais elevado ainda nasce o *extase*, em que a porção excitada trabalha com tal violencia que suprime toda a mais actividade cerebral, e a que se ligam ardentes emoções de prazer e dôr, que acompanham a excessiva desagregação da materia nervosa, com explosão, á maneira como normalmente funcionam os centros sexuaes. São verdadeiras as inauditas voluptuosidades dos grandes extaticos, Santa Thereza, Mahomet, etc. E' por associação de idéas que ás apercepções extaticas se ligam as representações religiosas.

Eis-nos chegados ao ultimo stigma funcional do degenerado emotivo, olhando-o nas suas tres grandes funcções. Mas, como seres sociaes, ainda apresentam outros stigmas os degenerados, são os que Dallemagne chama sociologicos.

Formam a cathgoria dos bisarros, dos excentricos, os originaes, os exaltados, os fanaticos. Traduzem o desequilibrio pelas suas bizarrias. São anomalias isoladas, que se manifestam no habito exterior, maneira de vestir, pentear, escrever, fallar; por um gesto bizarro, um tic, um tregeito.

A originalidade revela-se ás vezes por uma tendencia obsediante, que os impelle n'uma direcção intellectual ou moral, séria ou futil, com exclusão de toda a outra occupação.

Nem concebem que no mundo possa haver quem se preocupe com outra coisa que não a sua arte, a fôrma da casaca, o talhe da barba, etc. que a elles os preocupam. Tem emotividades singulares, apprehensões, ou attracções invenciveis por tal objecto ou animal. A prodigalidade excessiva, a avareza sordida, a exaltação religiosa e politica, o erotismo, a mentira espontanea e o espirito da intriga, a paixão do jogo e da bebida, a hypocondria e mysanthropia, são tendencias communs aos excentricos.

Mas ainda ha desequilibrios mais superficiaes, os que a organisação instavel põe á mercê do meio. Assim os banca-roteiros móraes do amor, da amizade, do amor proprio, fortuna, honra, os que a miseria physica, intellectual e moral lançam na revolta impotente. Os desequilibrios ligeiros da nutrição, da vida sexual.

Ainda os emotivos que imitam as excentricidades, por fraqueza de vontade, suggestionados. Existem na politica, nos clubs, na arte, na litteratura. A gloriola chama estes impressionaes, que vão á emoção sob todas as fórmas, por necessidade d'impressões novas, ou para calmar a obsessão. A producção deixa transparecer o desequilibrio. Uns são obsessiados da fórma pela fórma, outros têm o culto da palavra bizarra, etc.

E chegados a este ponto podemos imaginar como nasce uma escola.

Ha nos degenerados a tendencia ao agrupamento, vindo da fraqueza intellectual, que nos criminosos leva á formação de quadrilhas. Basta um degenerado proclamar, sob a influencia d'uma obsessão, um dogma litterario, ou artistico, fal-o com eloquencia violenta e pêntrante, sem attentões, nem respeito.

Immediatamente outros fracos de espirito, ou desequilibrados, sem personalidade, são suggestionados pela potencia das idéas pathologicas e convertem-se. N'este caso andam todos de boa fé, apostolo e discipulos. Mas logo apparecem os eunuchos intellectuaes, atraz do nome e do dinheiro, que formam a escolta da nova tendencia.

Creado o grupo, a diffusão da doutrina depende do estado intellectual das massas.

Depois d'esta rapidissima córrida sobre a psychologia morbida da degenerescencia, já podemos julgar o que seja o symbolismo, como manifestação pathologica.

# Diagnostico



**II — Como philosophia. O neo-catholicismo.  
A obscuridade. O pensamento  
symbolico. Como esthetica. Despreso do senti-  
do usual das palavras.  
Invenção de palavras. Novidade  
das combinações. O verso exprimindo  
a emoção pela sonoridade  
em logar do sentido das palavras. Indicar  
e suggerir em vez de exprimir.**

Como diz Max-Nordau, por mais dissimilhan-tes que pareçam as obras dos symbolistas, todas tem entre si dois caracteres communs — são devotas e são obscuras, até á incomprehensibilidade muitas vezes.

Os symbolistas voltam ao mysticismo com a necessidade de crêr sem comprehender, e criticos notaveis, entre elles Paulhan, explicam o facto pela formação d'um espirito moderno, em cuja genese fazem entrar o neo-christianismo tolstoiano, a lembrança de crenças antigas, não inteiramente mortas, que á menor occasião rejuvenesceram reorganisadas e depuradas, devido á lucta que tiveram de sustentar com o positivismo e evolucionismo, revoltadas contra a submissão em que se mantiveram largos annos; as necessidades intellectuaes que a philosophia não satisfiz, mas só opprimiu e combateu, e

que agora reagem contra a doutrina da natureza boa e previdente.

Os arautos da reacção rejubilaram ao constatar o movimento, e sem mais investigar, decretaram unanimemente que as almas se affastavam da sciencia, desilludidas, porque ella não cumprira as suas promessas, e voltavam á fé porque ella fez bancarota. Edouard Rod, Melchior de Vogüe, Charles Morice, Paul Desjardins, todos accusam a sciencia, dizendo que «a reacção contra as negações insolentes e desoladoras da litteratura scientifica... fez-se... por uma imprevista restauração poetica do catholicismo». (1)

Mas longe da verdade andam elles quando ao novo mysticismo attribuem taes motivos, quando elle apenas é imputavel ao estado de degenerescencia dos espiritos, embora determinadamente actuando outras causas.

Não sendo a personalidade humana, segundo as experiencias de Binet e Janet, mais que uma synthese, abrangendo sob o nosso eu consciente, um ou varios eus mais largos, que a consciencia parece fazer desaparecer, mas que a suggestão liberta e revela, é nos dominios das sub-personalidades inconscientes que devem procurar-se as raizes de espirito moderno. Mas á consciencia incumbe o arduo papel d'explicar e justificar aquillo de que não tem culpa, por passar-se nas camadas do eu que ella não subordina, nem *contrôla*.

Só por mentira propositada, ou irresponsabilidade intellectual pode accusar-se a sciencia que cada dia nos dá uma maravilhosa descoberta, como: a unidade da força e provavelmente da materia, graças ás experiencias de Helmholtz, etc.; a composi-

(1) Carles Morice «La Litterature de toute à l'heure».

ção atomica e mollecular dos corpos; pela biologia, embriologia e microbiologia desvendou e esclareceu alguns dos mais inquietantes mysterios da eterna transformação, da doença e da morte; pela analyse espectral completou a astronomia; pela geologia e paleontologia mostrou o encadeamento das formas da vida animal, impondo-nos a mais fecunda theoria moderna, o transformismo, pelos raios Röntgen recuou o mundo do invisivel; que já nos havia posto nas mãos o vapor e a electricidade, etc., que cada dia, apoz um trabalho custoso e arduo augmentou o nosso bem-estar dando-nos as armas para lutar contra as forças cegas da natureza, a doença e a miseria.

Nem jámais outra coisa prometteu ella, que não seja a attenta e leal observação do phenomeno. e a determinação das condições em que elle se dá, não se occupando por emquanto da causa primeira, mas sem nunca poder indicar o que amanhã saberá.

O *Incognoscivel* de Spencer é anti-scientifico, porque suppõe poder-se assegurar um limite ao cognoscivel, e absurdo porque para affirmar-se a sua existencia, deve saber-se que existe, o que já é um conhecimento, que nada impede de poder alargar-se e aprofundar-se; d'outra maneira é a palavra uma criação ociosa da phantasia. Nem o *Ignorabimus* de Du Bois-Reymond é mais que uma profecia mystica d'um desalentado, que não a consequencia de resultados da observação. A Theologia e a Metaphysica cabe o facil papel de responder a todas as questões que inquietem os espiritos, inventando um dogma sobre outro dogma; a sciencia, mais modesta, contenta-se em mostrar o absurdo da pretendida explicação do phenomeno cosmico, sem tentar substituir-lhe outro absurdo. Quando muito apresenta hypotheses. E ainda assim já alguma vez a theologia e a metaphysica explicaram completamente a origem do mundo?

Tambem sem fundamento se accusa a sciencia de haver destruido o ideal e tirado á vida o seu valor.

Ha mais nobre ideal que o augmento do conhecimento, e a lueta contra a miseria e a dôr, e que santo pôde comparar-se ao sabio que quasi sem necessidades physicas passa a vida curvado sobre um microscopio, no seu gabinete, sem recompensas, desconhecido, muitas vezes sem conseguir mais que descobrir um pequenino factó, que um seu successor encadeará n'uma brilhante synthese?

As mais ideaes figuras da sã poesia são um Prometheu e um Fausto, que envelhece luctando pela sciencia e não os santos descarnados e immun-dos que murmuram orações para aplacar a colera divina, n'um egoismo inexcedivel.

D'outros motivos vem, pois, o espirito mystico do symbolismo. E' um estigma intellectual da degenerescencia, que as condições politicas e sociaes da França fizeram revestir a fôrma de fervor catholico. Em verdade a alta burguezia franceza, representando historicamente a incredula aristocracia do seculo XVIII, neta dos servos ruraes que queimaram e saquearam os castellos senhoriaes, enriquecidos das terras da nobreza, ou pela especulação, ou pelo trabalho, querendo constituir-se como casta superior, adoptou como distinctivo o clericalismo, em opposição á multidão que é absolutamente incredula. Porque tambem a nobreza historica sahiu muito cren-te do cataclismo da Revolução franceza, comprehendendo a relação intima existente entre as idéas e symbolos religiosos, e a realeza e nobreza feudal, lançando as suas desgraças á culpa da irreligião, mesmo obedecendo ao instincto de conservação, que a levou a agarrar-se á Egreja como a uma força inabalada.

E, assim a burguezia imitou a nobreza para assemelhar-se com ella e afastar-se do povo.

Obedecendo a este mimetismo religioso a alta burguezia manda os seus filhos ás escolas jesuíticas, de maneira que a mocidade franceza, hereditariamente predisposta, acceitou a côr religiosa dada ao seu pensamento mystico.

Carles Morice, Henri de Regnier, Le Cardounel, e outros, fôram educados nos jesuitas e vieram cá para fóra repetir a phrase da banca-rotta da sciencia que os seus mestres inventaram, quando só verdadeiramente o seu cerebro fez banca-rotta.

Por outro lado os symbolos catholicos, as cerimoniaes lithurgicas, as attitudes hieraticas, toda a exteriorisação do culto, fallando a cerebros doentes, devia influir na orientação intellectual, como mais adaptavel ao estado mental de taes degenerados. D'este concurso de causas e da degenerescencia da mocidade intellectual, nasceu a feição religiosa do symbolismo.

Por outro lado a multidão, ella mesma degenerada e incapaz de remontar aos factos, acceitando as phrases feitas, deixou-se suggerir, e a religião voltou a ser moda, como vinte annos antes o fôra a sciencia. Os jornaes diziam então vivermos n'uma epocha scientifica, registavam as viagens e os casamentos dos sabios, como hoje registam aneddotas sobre os prégadores, e citam a *Imitação de Christo* nos seus folhetins.

E' uma religião por *chic* nos que seguem a moda, e por suggestão nos que sentem com profunda emoção a maravilhosa flôr da fé germinar e abrir-se no seu coração.

Quando não é por interesse.

Dos espiritos serios e saos ainda a sciencia não perdeu um unico adepto.

Ao lado da religiosidade do symbolismo, que lhe vem do mysticismo degenerativo, por herança do preraphaelismo e litteratura septemtrional, notamos que as obras symbolicas são confusas. E' a

confusão do pensamento, que a obra traduz, resultante da *asthenia psychica*. Desde que a attenção é incapaz de *contrôlar* o jogo da associação de idéas, ellas apparecem na consciencia ao mesmo tempo, sem systematisação, e a apercepção que resulta é confusa por conter elementos entre si estranhos, contradictorios por vezes; o juizo é confuso, porque o juizo em ultima analyse não é mais do que a apparição simultanea na consciencia de apercepções, que comparamos, simplesmente porque tomamos conhecimento d'ellas ao mesmo tempo. O pensamento vago vem da tyrania da associação d'idéas, por diminuição do poder de inibição, por fraqueza. Tanto mais que os symbolistas, roidos d'ambições, querendo armar á gloria, desilludidos, quando não gastos pelos excessos, são uns esgotados do cerebro, uns deprimidos, com inibição da vontade, e assim incapazes do enorme esforço do pensamento nitido, arrastando-se na «*rêverie*» ôca por menos custosa. Por outro lado fogem do trabalho aturado por que lhes é doloroso, dada a sua *hypersthesia*, ficando-se na vida de sonho do pensamento vago, em que s'exageram as tendencias affectivas e imagens que constituem o que cada um chama o seu ideal. E como estas tendencias idealistas não pôdem ser realisadas, pela incoherencia d'ellas, pela incapacidade do esforço, e pelo character doloroso que traria a sua realisação, ainda mais soffrem percebendo a inutilidade de luctar, caem no subjectivismo em que sentem desaparecer todos os sentimentos que os prendem ao resto da humanidade, todos os meios de communhão com os homens. Os desejos insaciados, os ideaes insatisfeitos, e as emoções tristes confundem-se na consciencia, a ponto de se tornarem irreconheciveis, n'um estado d'inquietação vaga que é o aborrecimento, o *tedium vitae*. Este é verdadeiramente uma dôr proveniente d'actividades insatisfeitas, por mal definidas, por falta de objectivo.

Tornando-se mais intenso pôde o tédio estender-se a tudo, chegar ao ódio á vida, á aversão. Mas também pôde voltar-se para dentro, contra o doente, dando a inaudita volúpia da dôr, que Spencer analysou, o desejo de soffrer. E por affinidade espiritual o doente, que aqui é o symbolista, ama o catholicismo fanatico e intolerante, com torturas e fogueiras, com os grandes Christos chagados e sangrentos, e os martyres heroicos que fallam do soffrimento á sua sensibilidade doente. Architetam uma ideal vida de soffrimento e resignação, com desdem dos bens terrenos e desapego do mundo que veem como o mal, desejam o nada, buscam o aniquilamento absoluto.

Mas como são impotentes para um grande esforço que os liberte, refugiam-se na «rêverie» que é o protesto do sonho contra a realidade, e á força de sentirem actividades insaciadas, transportam-se ao infinito e vago do sonho, despem a sua personalidade, immaterialisam-se, tem a consciencia do desconhecido que os rodea, vem nas coisas aspectos novos, que objectivam, que symbolisam. Os phenomenos apparecem-lhes com sentidos occultos, significações estranhas, que imaginam comprehend, mas que apenas são creações do seu espirito doente.

Pois o pensamento symbolico, que mais é do que a traducção do proprio estado do espirito, do seu crepusculo intellectual, que recebe o colorido da emoção dominante. Assim o symbolo é a expressão por termos obscuros d'uma emoção, d'uma disposição d'espirito. A obra symbolica é o reflexo d'essa disposição d'espirito, que desperta outra disposição, nem sempre a mesma.

Como são hypersthesicos, as sensações, fortes, intensas, abalam-lhes violentamente a inercia cerebral; mas o cerebro, constringido a trabalhar, executa o menor esforço, emprega os processos psyc-

logicos que custam menos fadiga, e por este motivo menos dolorosos. Mesmo normalmente o homem não ama o trabalho, sendo na grande maioria o habito do trabalho uma das mais brilhantes e mais custosas conquistas da civilização. O trabalho é visto como um castigo, e na lenda biblica Deus puniu o homem com o trabalho. Em muitas linguas trabalho é synonymo de dor. O gosto do trabalho desaparece nos degenerados, como sendo uma das mais recentes formações da evolução psychica, em virtude da lei de regressão.

Mais custoso ainda é o trabalho intellectual, e o homem procura eximir-se a este esforço doloroso, empregando os processos mentaes que custam menos fadiga. E' a lei do menor esforço com que G. Ferrero, juntando-lhe a da inercia mental, explica o symbolismo humano.

A vida em commum trazia a necessidade de despertar nos membros da sociedade um estado determinado de consciencia, imagem, ou idéa, e o meio foi o symbolo. Assim ha symbolos intellectuaes e emotivos, conforme destinados a representar idéas ou emoções.

A criação do symbolo suppõe e exige que entre certas imagens, idéas e sensações, s'estabeleça um systema de associação de idéas, pelo qual se possa, provocando a sensação, determinar a volta da imagem ou idéa. Foram os symbolos os primitivos meios de comunicação entre os homens, e ainda hoje persistem no direito, na arte, na religião, como um atavismo, traduzindo a infancia cerebral.

Ora para estabelecer-se hoje como dogma esta maneira atavica d'exprimir idéas por signaes concretos, que vão despertar as sensações, que por sua vez vão evocar as idéas, deve fatalmente ter-se dado a regressão psychica, aos processos psicologicos, que presidiram á elaboração do symbolismo. No homem actual é um stigma de dissociação intellectual, e

tanto que os criminosos e os loucos exprimem-se por symbolos. De maneira que o pensamento symbolico é a reversão atavica a um processo intellectual primitivo e grosseiro, explicavel pela desagregação psychica.

Mas o symbolismo pretende tambem ser uma theoria d'arte, destinada a succeder ao parnasianismo.

Ora a expressão esthetica do pensamento mystico deve, tendo o symbolo poetico como meio, corresponder ao character confuso e incoherente do pensar, escravizado pela associação de idéas, incapaz d'um trabalho aturado e logico. Por uma theoria justificam o que apenas é resultante da regressão psychica, vindo das profundezas do inconsciente. Assim Verlaine aconselha a obscuridade da phrase, o desprezo dos termos usuaes, preferindo as cores attenuadas ás cores violentas, quando verdadeiramente o seu cerebro não poderia d'outro modo exprimir-se.

Ao fallarmos do estado mental do neurasthenico vimos as particularidades da expressão verbal, que são quasi termo por termo o que os symbolistas arvoraram em dogma de arte.

Affectam o desprezo do sentido usado das palavras. Pois a palavra, mesmo a mais abstracta, corresponde a uma representação concreta, ou a uma noção formada de qualidades communs a representações semelhantes, que continua a trahir a sua origem concreta. Como o symbolista tem a sua consciencia povoada de imagens espectraes, sem contornos, para as traduzir, usando das palavras que toda a gente usa, tem de empregal-as em sentidos novos, com uma significação adequada ao seu pensar confuso. D'aqui vem aquella «procura do epitheto raro e precioso», a adjectivação incoherente, mas que traduz a incoherente associação de imagens na consciencia. E sentem verdadeiramente uma

tortura para poderem exprimir em linguagem concreta o seu pensamento nevoento, conter n'uma phrase o tumulto das suas representações, entre si estranhas ou contrarias por vezes.

Escolhem as palavras mais ideaes, mais confusas, para a phrase traduzir o abstracto, como os preraphaelitas pretendiam das bellas artes.

As palavras tem sentidos só d'elles percebidos. Ainda as obras symbolicas notam-se pela novidade e estranheza das combinações de palavras, que fazem estarrecer o philistino, resultantes da impossibilidade de traduzir as associações d'idéas do symbolista. D'ahi ainda atiram-se desesperadamente a crear palavras, reconhecendo a insufficiencia do vocabulario usual para expressão das suas idéas.

Reconhecendo impotente a expressão pelo sentido, tentaram a expressão pela sonoridade das palavras, com desprezo da sua significação.

Os parnasianos buscavam a sonoridade do verso como elemento de belleza indispensavel da perfeição da forma, dado o seu culto da forma pela forma.

Mas os symbolistas querem a musica como evocadora de emoções e transmissora de idéas, o que lhes veio de Wagner. As palavras valem pelo seu som, as phrases pela cadencia musical. Ora isto é puramente a expressão dos primordios da evolução.

No principio o som é musical, como traduzindo uma emoção geral do animal. O rouxinol canta quando sexualmente excitado, o leão rugé de prazer despedaçando a presa.

Quando attinge maior desenvolvimento e a vida intellectual é mais rica, os meios d'expressão vocaes apparecem, differenciam-se e tornam-se capazes de traduzir não só as emoções geraes e simples, mas grupos de apercepções mais estreita e nitidamente limitadas.

Assim o som passou a exprimir factos psychicos, e atingiu a mais alta perfeição na linguagem articulada e culta, que permite seguir e tornar perceptível o trabalho cerebral nos seus delicados recantos.

Querer, pois, retrogradar da palayra prenhe de idéas ao som emocional, é querer renunciar aos resultados da evolução organica. As palavras em si não são musicaes, mas n'umas predominam as vogaes, noutras as consoantes; como a pronuncia d'estas exige maior gymnastica dos musculos em jogo, é mais difficil, as palavras ricas em consoantes parecem menos agradaveis ao ouvido. Mas esta impressão não vem do som musical, porque a palavra quando murmurada surdamente, ou escripta, desperta absolutamente as mesmas emoções, como quando cheia de sonoridade chega á consciencia pelo ouvido.

E' o sentido da palavra, não o som, que lhe dá o seu valor; ninguém consegue despertar emoções com palavras, embora as mais sonoras, d'uma linguagem desconhecida. O som em si não é bello nem feio, e a voz dando-lhe existencia é que lhe dá o character agradável ou desagradável. Mas isto nada tem que vêr com a palavra como meio de communhão entre os homens, pela transmissão das idéas.

E' musica, não é poesia, exprime emoções, não idéas. E assim os symbolistas querendo reduzir a linguagem á qualidade de transmissora de emoções, estão d'accordo com o seu pensar mystico, mas retrogradam na evolução organica, voltam á confusão das artes, absolutamente impossivel, dada a diversidade de objecto, de meios de execução, e de aptidões funcionaes, que attestam o progresso feito. Mas não se consegue a musica das palavras, mas juxtaposições de sons, obedecendo á associação por semelhança de som, quando não puro delirio.

Mais insensato ainda é o delirio dos instrumen-

tistas, ligando ao som uma sensação colorida, embora parecendo assentar sobre alguns factos sobre que os comprehensivos estabeleceram a theoria da audição colorida.

Longe da audição colorida ser incontrovertida, nos casos que se apresentam, resulta talvez de associações de idéas, cujas origens permanecem obscuras, por repousarem sobre percepções fugidias da primeira idade, que não chegaram a despertar a atenção, e entrarem na consciencia, o que parece ser confirmado pelo facto de cada auditor ligar uma côr differente ás vogaes e instrumentos musicaes, e não da comunicação anormal entre os centros opticos e acusticos, que nada confirma.

Concebe-se que nas suas camadas mais profundas a consciencia abstraia da differenciação dos phenomenos pelos diversos sentidos, que é um aperfeiçoamento tardiamente obtido na evolução organica, e trate as impressões vindas de qualquer sentido como materiaes não diferenciados pelo conhecimento do mundo exterior, confundindo assim e transpondo as percepções dos differentes sentidos. Binet em excellentes ensaios estabeleceu esta transposição de sensações nas pessoas hystericas.

Em todo o caso é uma prova da actividade cerebral doentia, que faz retrogradar ao principio do desenvolvimento organico, facto já de resto observado na clinica psychiatrica.

A escola fundada sobre um facto pathologico e raro, não é menos morbida, e a obra d'arte só é perceptivel para os doentes, e ainda assim diversamente para cada um.

Mas, usando as palavras em sentidos novos, desprezando o usual, armando d'este modo á poesia pelo vago e impropriedade da expressão; apesar de pela novidade das combinações procurar suscitar emoções como as suscita a musica e cujo encanto seja feito da sua indecisão e do vago da expressão

e não da sua precisão como no Parnaso; apesar de tentarem traduzir e communicar estados de alma pela sonoridade, visto as palavras não pintarem nem desenharem senão metaphoricamente, em quanto que soam por natureza e definição, nunca conseguiram traduzir completamente o seu pensar confuso, nem fazer comprehender o que enche o seu espirito debil.

Lembraram-se então de que o poeta não devia pintar estados d'alma mas suggeril-os, não nomear objectos, mas evocal-os.

Porque as palavras não exprimem das idéas e dos sentimentos senão a parte mais grosseira, deve, pois o seu poder de suggestão e evocação ser superior ao seu poder expressivo. Ao romance e ao theatro cabe o dever de copiar a natureza e a vida, mas o poeta deve libertar-se d'essa sujeição, deve suggerir, dar a alma a si mesmo, suas potencias á indeterminação primitiva, como diz Brunetièrre, á força de magia dissolver a personalidade egoista no oceano infinito do sonho.

E' bem este o recurso ultimo d'um impotente, incapaz de traduzir idéas nitidas, por incapaz do trabalho aturado, e por tyrania da associação de idéas. Partindo do facto que a poesia seja apenas communicação de estados de alma, por vezes os recursos da esthetica symbolista bastam á producção de bellas obras, que exprimam não um facto do mundo exterior ou do pensamento consciente, mas uma apercepção crepuscular de interpretações diversas, que não obriga a pensar, mas permite sonhar, isto é, transmittindo emoções vagas, mas não processos intellectuaes. Mas na poesia ha mais do que estados d'alma, mesmo o symbolismo diz vir reentegrar a idéa na poesia contemporanea.

Sem o suporte da idéa o symbolo é um brinquedo de creança. Deve o symbolo ser a traducção pittoresca ou plastica de qualquer coisa em si inacessivel, e de recuado nas profundezas do pensamen-

to, isto é, da idéa. Mas a verdade é que traduz apenas a debilidade do cerebro.

Mas suggerir é evocar emoções, nem outra coisa conseguem os symbolistas. Isto é retrogradar á confusão das funcções.

D'isto tudo podemos concluir o diagnostico da tendencia symbolista — é uma fórma de mysticismo dos degenerados emotivos; a sua organização como escola litteraria não passa da tentativa da consciencia para explicar o que só é imputavel á desagregação psychica, vindo das profundezas do inconsciente.

musica de Wagner. Rescção contra  
o naturalismo. A degenerescencia. Acção  
da hereditariedade  
e da civilização. O esgotamento  
da geração moderna.

A evolução da litteratura, por mais dispersas que pareçam as phases que se considerem em attenção ao resultado em vista, conduzindo á moderna leição symbolista, pôde d'um certo modo olhar-se como a anterior e demorada elaboração dos principios, que serviram de base á escola. Con-

gregaram-se as influencias da litteratura do norte com as do pretraphaalismo inglez e da musica wagneriana. Mas o symbolismo é filho directo do Par-nasianismo, principalmente do ramo paderleiano. N'estas influencias predomina o estado morbido de que Max Nordau chama egotismo, que é a fórma da degenerescencia caracterizada pela hypertrophia do eu, egotismo revoltante, desprezo desenhoso do resto da humanidade, avultando as idéas de opposição ao sentir commun, pela necessidade de trilhar e contrariar, como signal de distincção. No Parnaso, com a exclusiva cultura da fórma o poeta é um mechanico com o cerebro vasto de

# Etiologia

**Filiação do symbolismo. Os Parnasianos,  
decadentes e esthetas.  
Ibsen. Tolstoi. Ruskin e o Preraphaelismo. A  
musica de Wagner. Reacção contra  
o naturalismo. A degenerescencia. Acção  
da hereditariedade  
e da civilisação. O esgotamento  
da geração moderna.**

A evolução da litteratura, por mais dispares que pareçam as phases que se considerem em attenção ao resultado em vista, conduzindo á moderna feição symbolista, póde d'um certo modo olhar-se como a anterior e demorada elaboração dos principios, que arvorados em systema, originaram a escola. Congregaram-se as influencias da litteratura do norte com as do preraphaelismo inglez e da musica wagneriana. Mas o symbolismo é filho directo do Parnasianismo, principalmente do ramo baudeleriano.

N'estas influencias predomina o estado morbido que Max-Nordau chama egotismo, que é a fórma da degenerescencia caracterisada pela hypertrophia do eu, egoismo revoltante, desprezo desdenhoso do resto da humanidade, avultando as idéas de opposição ao sentir commum, pela necessidade de irritar e contradizer, como signal de distincção.

No Parnaso, com a exclusiva cultura da fórma o poeta é um mechanicom com o cerebro vasio de

idéas, mas cheio de sons e rimas. As palavras tem uma belleza propria pelo som, dão prazer pela sonoridade, sem precisarem d'um sentido. A mais nobre occupação do homem é a caça á rima, a procura de palavras como clarins, chegando Baudelaire a capitular de inuteis os que assim não pensem.

Caracterisa-se ainda o Parnasianismo pela impassibilidade, reduzindo-se não tanto á insensibilidade, pois descuram da dôr e sofrimento universal, como a uma completa falta de sympathia para com os semelhantes, em opposição ao mais terno amor ao seu eu. Affectando o culto unico da Belleza, não tendo outro fim que a mesma arte, e dizendo por imparciaes pairar longe dos conceitos da virtude e do vicio, escolhem o feio e o depravado, como raro e exquisito.

O amor do mal é uma perversão do instincto de conservação, consistindo na anesthesia dos centros que fazem vêr o bem como util ao individuo e á especie. Patentear esta aberração, *tendo a coragem do seu prazer intellectual*, é calcar os instinctos sociaes, dando o predominio ao inconsciente, que d'este modo se acha affectado, pervertido. Ou os centros são obtusos e carecem de impressões fortes até á dôr, que são os repugnantes á maioria.

O mais fino representante d'esta fôrma é Baudelaire, que empregou o seu talento em propagar duas theorias falsas e perigosas: a arte pelo artificial e a theoria da decadencia, sendo o fim da poesia excitar nas almas o bello, e nos nossos tempos pouco candidos um certo effeito de admiração, raridade e surpresa. Odiava a vida e o movimento, e amava o artificial, possuido do invencivel tédio, buscando o novo, attrahido pelo criminoso, o lubrico e o doentio, profundamente mystico, criou o diabolismo, que os decadentes exploraram. Não sabia pensar em verso, tinha a cremnophobia, era um olfactivo pervertido e morreu de demencia para ytica.

Williers de l'Isle Adam e Barbey d'Aureville, catholicos fanaticos, blasphemavam de Deus, fazendo o culto do diabo. Mas o mais completo discipulo de Baudelaire é Karl Huysmans que apresentou no *A'rebours* e *Lá-bas* o decadente typo, o duque des Esseintes, dormindo de dia e velando de noite, gosando com peixes artificiaes, musica de licores, côr de perfumes, affectando erudição, no fundo anti-social, com delirio de contradicção. Depois de dar na *Cathédrale*, a symbolica das pedras, vae fazer-se benedictino. Joséphin Péladan, dizendo-se «sar» vestindo-se archaicamente de mago assyrio, grão-mestre dos Rosas cruces, escreve livros symbolicos, que se movem em tres circulos d'idéas: o supremo fim do homem é ouvir e apreciar a musica de Wagner; o mais alto desenvolvimento moral consiste em renunciar á sexualidade transformando-se n'um ser hybrido bisexual, gynandro ou audrogyno; o homem superior pôde deixar e retomar a vontade o seu corpo, pairar no espaço na qualidade de ser astral, sujeitando ao seu dominio a potencia sobrenatural dos espiritos bons e maus. O *Vicio supremo* occupa um logar eminente na litteratura diabolica. Nas suas obras da ultima phase ha bellas paginas d'um alto ideal moral, combate a vaidade, o egoismo, falsidade, a sede dos prazeres. Imagina-se descendente de Zoroastro e ter por missão revelar os mysterios da magia chaldaica, como Ernest Bosc nos revela feitiçaria egypcia.

Maurice Barrès construiu as suas tres *ideologias* como pretexto para exhibir as proprias idéas sobretudo, onde prêga ardentemente o culto do eu, a libertação dos instinctos, como mais seguros, por isso que são a experiencia da especie, mas que como o consciente tambem são sujeitos á doença. No *Fardin de Bérénice* pinta elle symbolicamente a historia d'uma alma com os seus dois elementos, masculino e feminino.

Barrès reserva para os hystericos e loucos todo o amor que não dá aos cães e ás phocas, e julgando criar typos exquisitos, cria degenerados.

Maurice Rollinat é mais um decadente moderno, que canta os instinctos criminosos, a morte, a putrefacção, a doença, as aberrações da psychopathia sexual, e preso a uma angustia indifinida, sente-se opprimido e inquieto, e attribue aos phenomenos um aspecto ameaçador e sinistro. E' o poeta da anxiomania. Ainda descendentes de (Baudelaire são Swinburne) que depois se bandeou com os prerafaelitas, e Oscar Wilde, chefe dos esthetas, que pelas suas bisarrerias pessoaes, mais que por suas poesias e dramas attingiu grande notoriedade. Professa o desprezo da natureza, como evidente e anti-artística, em opposição systematica á opinião common, amando a immoralidade, o peccado e o crime, um ligeiro mysticismo de côres, e admite a inactividade como ideal de vida. Resume em poucos principios o systema dos esthetas: a arte nada mais exprime que a si mesmo, vive independente como idéa, e desenvolve-se exclusivamente para seus proprios fins; toda a má arte provem da volta á vida, á natureza, e da elevação d'estas á cathogoria d'ideal; a vida imita mais a arte que a arte imita a vida; o esthetico é superior ao moral, como pertencendo a uma esphera mais intellectual.

Os esthetas tem dos parnasianos o dogma da arte pela arte, dos diabolicos a não necessidade de ser moral, antes immoral, dos decadentes fugir do natural e ser-lhe opposto.

\*  
\*  
\*

Nos ultimos annos a critica apoderou-se d'um extraordinario poeta, cheio de vigor, intensamente

emotivo, possuindo o dom de pintar os estados d'alma, que faz desenrolar deante dos olhos, revelados pela acção seguindo idéas abstractas, maneiras de ver e sentir não perceptíveis pelos sentidos, mas actuando causalmente.

A par d'uma prodigiosa imaginação, Henrik Ibsen é um mixto de realismo e idealismo e com justiça succedeu a Victor Hugo no throno da poesia contemporânea. Romantico nas primeiras peças, *Catilina* (1856), a *Comedia do amor* (1866), d'idéas ainda vagas, é philosopho em *Brand* (1866), *Imperador e Galileu*, em que affirma idéas anarchistas, atacando a sociedade nas suas convenções, hypocrisias e preconceitos, defendendo o individualismo em theses sociaes.

É realista na *União da mocidade* (1866), *Columnas da sociedade*, *Casa de boneca*, *Os espectros* e no ultimo drama *João Gabriel Borkmann* (1896), em que aproveita os menores detalhes, pinta com nitidez os caracteres, sendo as theses, embora paradoxaes, a consequencia logica e moral da acção. Symbolista nos dramas mais recentes, *Um inimigo do povo* (1882), *O Pato bravo*, *Dama do mar*, *Heidda Gabler* (1890), que é um admiravel retrato da nevrosada hysterica e criminosa, *O constructor Sottness*, nelles s'encontra, como diz o seu divulgador Ehrhard, o realismo mais exacto da scena, a descripção meticulousa do meio em que a acção se desenvolve, a pintura minuciosa dos heroes, a analyse profunda dos caracteres, onde os elementos physicos hereditarios se juntam ás qualidades moraes do individuo. Emprega methodos scientificos para apresentar idéas claras e precisas, verdadeiramente moderno, ferozmente revolucionario.

Embora a vida norueguesa nos seja estranha, e a sua sciencia peque por vezes, não póde negar-se que applique as suas mais recentes e controversas acquisições. Em revolta contra a lei moral, no

fundo é um mystico actuado das reminiscencias do christianismo onde se creou, com o espirito trabalho por tres idéas que surgem do inconsciente, como obsessões, o peccado original que é a lei da hereditariedade, a confissão, que se apresenta com o cunho do amor ardente da verdade, e a redempção pelo sacrificio pelos outros, contrabalançando o individualismo, segundo o qual o individuo deve obedecer só á propria lei, o que não é senão a incapacidade de resistir aos instinctos baixos.

Diz Ibsen que a vida é um combate contra o espectro que habita as abobadas do coração e do cerebro, e prega a revolta do individuo que tem o direito de se «expandir», de recuperar a sua autonomia moral, direito que existe principalmente na mulher, a quem é permittido o impudor, que é crime no homem, como só n'ella é merito o egoismo. Assim no canon sobre o casamento só á mulher concede o direito de abandonar o lar.

Nos seus ultimos dramas domina o symbolismo. Assim o pato bravo é o symbolo do destino de Hjalmar, como o celleiro ao lado da officina do photographo o é da mentira vital de que tem necessidade cada homem.

Na *Dama do mar* o estrangeiro de olhos inconstantes é o symbolo do mar, e este da liberdade. Cada palavra tem uma significação que se junta á primeira, cada figura um sentido duplo.

Este homem, preconisando a lucta pela liberdade tendo a lucta por fim, exprimindo como merito o estado de revolta permanente contra todas as cousas existentes pela bocca dos seus personagens, nas suas cartas, é innegavelmente o primeiro poeta moderno, cuja revelação aos meridionaes tornou decisiva a sua influencia no actual movimento litterario.

Contrabalançando a influencia de Baudelaire, deu-se a de romance russo, principalmente de Tolstói, a par da influencia da litteratura norueguesa.

A arte septentrional, mais jovem que a nossa é uma confirmação da lei que faz avançar a civilização do sul para o norte. Assim as raças latinas representam uma civilização em decadencia, a alemã e anglo-saxonia a plena florescencia, como a raça slava o germen futuro da civilização.

Desde que o Visconde de Vogüe fez conhecido o romance russo, ainda não cessou a influencia das sublimes criações de Dostofewsky, Tourgueneff e Tolstói.

Dostofewsky, condemnado á morte pelas suas idéas politicas e comutada a pena em quatro annos d'exilio na Siberia, da sua longa vida entre os forçados, dos seus soffrimentos trouxe a doçura do seu character, e com as suas profundas qualidades de observador do coração humano deu-nos admiraveis quadros das aberrações psycho-pathologicas do crime e da loucura. Era um genio sedento de ideal, e obedecendo á missão humana e verdadeira da arte produziu obras de perfeita analyse psychologica, em que homens se movem e luctam na atmosphera das prisões, de rigorosa observação scientifica, d'accordo com os modernos dados da anthropologia criminal, como essês extraordinarios romances *Recordação da casa dos mortos* e *Crime e castigo*. Vogüe diz que elle abre horisontes novos sobre almas differentes das nossas, revela-nos um mundo desconhecido, naturezas mais poderosas para o mal como para o bem, mais fortes para querer e para soffrer. (1)

Ao mesmo tempo o conde Leão Tolstói no ul-

---

(1) M. Wogüe — «Le roman russe», Paris, 1887.

timo periodo mystico da sua vida adquiriu uma fama universal, não tanto como revelador d'uma nova theoria esthetica, do que como divulgador d'uma estranha concepção philosophica. Poeta e philosopho os seus romances lembram a pintura dos preraphaelitas: uma abundancia de detalhes maravilhosamente exactos, girando em torno d'uma idéa fundamental mysticamente vaga, quentes d'uma profunda e forte emoção.

Mas é a sua philosophia nevoenta, que levou o seu nome aos confins do mundo. Paraphraseia a Biblia e resume-se em poucas palavras: o individuo é nada, a especie é tudo; o fim da vida é fazer bem aos semelhantes; o grande mal é pensar e investigar, a sciencia é a perdição e a fé a salvação. Na *Minha confissão* conta elle como, partindo da duvida, e preocupado do seu pessimismo em presença do bem estar e socego d'espírito dos seus semelhantes, atormentado da necessidade de procurar a resposta a esta pergunta: «Para que vivo?» chegou á sua concepção mystica da felicidade pela fé simples; pois que a resposta dos sabios — «que o homem é um encadeamento de pequenas partes, e a vida não tem significação alguma» — quasi o havia impellido ao suicidio. Mais importante é a sua doutrina moral, que resume Wogüe n'esta formula: não resistir ao mal, não julgar, não matar. Portanto nada de tribunaes, de exercitos, de prisões, de represalias publicas ou privadas.

A lei do mundo é a lucta pela existencia, a lei de Christo é o sacrificio da sua existencia aos outros. O principio positivo é que devemos amar a todos os homens, sacrificar-lhes tudo, mesmo a propria vida. Muito especialmente recommenda a mortificação da carne e prêga a volta á felicidade pelo afastamento da sciencia, abdicação da rasão, a volta á vida natural e á agricultura, o renunciamento aos productos da industria, a salvação pelo embruteci-

mento, a partilha dos bens, o aniquilamento da humanidade pela continencia.

Estê corpo de doutrinas moraes e sociaes, principalmente o illimitado amor do proximo que Tourgueneff chamava «amor hysterico» e que no fundo é a grande emotividade dos degenerados, abalou profundamente o espirito contemporaneo. Efeito da obra mystica, bem inferior á de pura arte.

Na Inglaterra, onde as condições economicas condemnam ao celibato grande numero de raparigas, é amado pelas suas doutrinas da abstinencia, e as solteironas tem a sua biblia consoladora na *Sonata a Kreutzer*; na França os symbolistas veneram os seus ataques á sciencia, e os fieis allemães arvoram em dogma o seu vago socialismo e doentio amor da humanidade.

Apezar de genio manifestamente doente, profundamente mystico, soffrendo da mania da duvida, affectado nos centros sexuaes, apparecendo-lhe a mulher com a irresistibilidade d'uma obsessão sinistra, da qual, horrorisada pela abjecção das idéas e impulsões que ella lhe desperta, tenta livrar-se pelo dogma da continencia mesmo no casamento, a sua acção no ponto de vista de grosseira crusada contra a sciencia generalisou-se e accentuou-se, tanto mais quanto perfeitamente adaptavel á psychologia morbida das multidões é a sua philosophia mystica.

A lei do mundo é a lei da existencia. A lei do mundo é o sacrificio da existencia aos outros. O principio positivo é que devemos amar a todos. Do lado da Inglaterra as theorias de Ruskin, dando á arte o exclusivo fim da moralidade, originaram o movimento dos preraphaelitas que Franz Hüffer chama a renascença do modo de sentimento medieval. Como povo são e solido de espirito, sempre os inglezes se preocuparam da necessidade de

saber, que ao mesmo tempo gerou a metaphysica e a philosophia, Bunyan, Berkley, os puritanos os quakers, etc. e Bacon, Newton, Darwin. Esta tendencia revela-se por 1840 no movimento religioso de Oxford, de que ainda o Exercito de salvação é a grosseira continuação, que teve o seu analogo em materia d'arte no Preraphaelismo, tanto que este nasceu das celebres criticas d'arte, mais tarde reunidas sob o nome de *Modern Painters*, que o theologo Ruskin, profundamente sabedor da historia da arte, n'um estylo poderoso, vinha fazendo, quando ainda não eram conhecidas as photographias das obras de arte e portanto só uma longa e aturada romagem pelos museus lhe poderia ter servido para adquirir tal erudição.

O mysticismo de Ruskin, querendo fazer da arte serva da theologia, levou-o a affirmações taes: um symbolo grosseiro é mais emocionante que um symbolo *raffiné*; a pintura é uma nobre e expressiva linguagem em si e por si absolutamente nulla, apenas apreciavel como transmissora de idéas, de maneira que o valor vem-lhe não da maneira como representa as coisas, mas das coisas que representa; o quadro que mais e nobres idéas encerra, por mais desastradamente que estejam expressas, vale mais que o que menos e menos nobres idéas contem, embora bellamente representadas.

A mocidade ingleza emocionou-se profundamente a estas idéas, e d'ellas nasceu a esthetica dos primeiros preraphaelitas. A fórma era indifferente, o pensamento tudo; tanto menos destra a execução, tanto mais profundo o effeito, e o fervor religioso é o unico objecto digno da obra de arte. Percorrendo a historia encontraram nos primitivos, Cimabue, Giotto, Fra Angelico, Boticcelli, Filippo Lipi, a encarnação d'estes principios e pozeram-se a imitar as suas telas de desenho incorrecto, pobres de tintas, que assim melhor exprimem um sentimento de fé

intensa e devoção commovida. N'estes ha apenas a idéa, como um symbolo exprimindo um pensamento religioso, n'uma reproducção cuidadosa de todos os accessorios que ferem o campo visual. Do preraphaelismo em pintura, nasceu o preraphaelismo em litteratura, que d'algum modo obedece aos mesmos principios.

Dante Gabriel Rossetti canta a *Blessed Damsel*, com tres lyrios na mão, coroada de sete estrelas, que do alto do empyreo, no seu esplendor paradisiaco, abaixa os olhos sobre o poeta, com reminiscencias de Dante e no *Eden bower* a Lilith preadamita, amante da serpente e vingando-se de Adão. Swinburne é um mystico pervertido e criminoso, em vez de paradisiaco e devoto, que a par da influencia de Rossetti soffreu, a de Baudelaire, affectando um modo archaico d'expressão, apresenta-nos n'*A filha do rei* o germen do futuro symbolismo.

William Morris imagina-se um tropeiro do seculo XIII ou XIV, vendo as coisas e exprimindo-as n'uma maneira medieval, dando-nos na linguagem das velhas balladas as idéas socialistas da piedade e do amor do proximo, o que impressiona estranhamente. Ainda o esthetismo é uma phase ulterior do preraphaelismo, como este o é do velho romantismo influenciado pelo movimento puseyista.

Na genese do symbolismo a influencia de Baudelaire, parnasianos, decadentes d'um lado, da litteratura do norte e preraphaelismo do outro lado, fundiram-se n'uma bem mais poderosa que do satanismo tem a brutalidade o artificial e a candura, como diz Nietzsche, e de Tolstoï tem a concepção mystica da redempção pela piedade e o amor, da purificação pelo soffrimento.

Ricardo Wagner, que no seu espirito apresenta os delirios mysticos, de perseguição e grandezas, nos seus instinctos a philantropia vaga, o anarchismo, a revolta e a contradicção; ao mesmo tempo atheu, erotomano e religioso, é hoje o homem mais venerado, depois de haver sido o mais combatido, tendo innegavelmente abalado a alma contemporanea até ás ultimas profundezas não tanto com as suas theorias, como com a sua estranha musica. Na obra de arte do futuro, partindo da concepção de que sendo a dança expressa pelo rythmo, que se desenvolve na musica, esta composta de rythmo e som condensando-se em linguagem gerou a poesia, que tem como fórma mais elevada o drama, a que se associam a architectura, a pintura e a escultura, devem-se todas as artes agrupar em torno do drama, resultando d'esta fusão a verdadeira obra de arte do futuro. Sendo a differenciação um avanço, e a independencia das artes nunca um signal de decadencia falsa é a concepção de Wagner, que como anarchista falla da civilisação como oppressora da natureza humana, e nunca a verdadeira obra de arte será a fusão de todas, pois que separadamente cada uma attende e se dirige a uma tendencia ou necessidade organica inconfundivel. Nasceu do seu espirito mystico.

Nos dramas, cheios de reminiscencias da educação passada n'uma athmosphera de crenças protestantes, apparece como uma obsessão a palavra «redempção», e já Nietzche dizia que a sua opera era a opera da redempção, que attinge a mais alta encarnação no *Parsifal*. E' erotico e a mulher apparece-lhe como a seductora, a corruptora, e o amor como uma fatalidade; revelando estados d'alma d'uma implacavel sensualidade a par da revolta do sentimento moral contra a tyrania dos desejos, da derrota do ser moral, e do seu futuro arrependimento. Como admirador de Scopenhauer olhava a

vida como um mal e o não-ser como a salvação e a felicidade, e as suas obras são cheias de deuses e heroes, rebuscados na lenda, longe dos homens.

Mas o que fez a sua celebridade foi a sua extraordinaria musica, cheia de imaginação que é uma verdadeira pintura, sendo a fixação em sons em vez de linhas e cores d'uma extranha visão gigantesca. Não que a criação nasça da emoção interna, mas é provocada pela impressão sensorial; assim imita sons e ruidos naturaes, cuja representação desperta pela associação de ideias.

São admiraveis trechos de musica *a cavalgada das Walkirias, a encantação do fogo, a vida da floresta, o idyllio de Siefried*, etc., verdadeiramente inemitaveis.

Toda a sua musica obedece aos dois dogmas — o *leit motiv* e a *melodia sem fim*. Pelo *leit motiv* Wagner transforma a musica n'uma linguagem, não traduzindo já emoções geraes, mas tendo a pretensão de se dirigir á memoria e á intelligencia, comunicando-lhe apercepções nitidamente limitadas. Os *leit motivs* são no fundo symbolos para o iniciado, que fazem da musica a transmissora d'idéas em vez de emoções.

Pela *melodia sem fim*, fazendo desaparecer a precisão d'expressão que só uma forte emoção provocava, fica á musica o registrar as apercepções que surgem na consciencia, como excitações geraes, pouco nitidas, que ligeiramente a abalam; reduz a musica ao recitativo ricamente movimentado e harmonisado.

Dizendo que a musica instrumental acabou em Beethoven, criou o drama musical, em que a musica é acompanhada pela palavra, com perfeita subordinação, fazendo quasi sempre cantar uma só pessoa em scena, como melhor meio de transmittir idéas que uma harmonia a varias vozes prejudicaria. A verdade é que Wagner conseguiu no fim da

sua vida um culto universal e Beyruth tornou-se um lugar de peregrinação para o que ha de intellectual ou pretende sel-o, e a sua musica depois de conquistar a Allemanha embriagada dos seus triumphos e por ella o mundo inteiro, entrou nas almas que começaram a sentir prazer no seu mysticismo ricamente imaginativo, lendario e sobre-humano, suggestionadas um pouco pela hypnose das glorias allemãs que a musica despertava.

Ainda o naturalismo pelo poderoso talento do seu chefe, e pelo indiscutido brilho do seu nome, provocou a appareição da moderna tendencia, que contra o naturalismo diz ser a reacção e o protesto. Desde Balzac que o romance entrara n'uma phase de observação, pintando a vida real, boa ou má. Os Goncourt, com a perfeição inatingivel do estilo colorido, o seu impressionismo, e Flaubert, pessimista misanthropico, trabalhando a phrase torturadamente, com um estilo preciso, secco, sem imagens e impecavel, Daudet, o puro e sereno, o candido artista, porquem a arte ainda traz lucto, illustraram e firmaram a evolução naturalista na litteratura, que Zola, com uma imaginação colossal, um gigantesco poder de descripção, vendo o mundo pelo seu olho romantico, levou aos maiores exageros. Bem que os *Rougon-Macquart* sejam a historia da familia Kérangal, as obras assombrosas do *Germinal*, *A fera humana*, *O sonho*, etc. que versam o socialismo, o degenerado impulsivo, o mystico, são monumentos que põem o seu autor como o primeiro escriptor do seculo. Ninguem como elle pintou as multidões em movimento, a vida dos operarios (*Assomoir*), a lucta contra a incapacidade neuras-

thenica (*A obra*), ainda que os seus quadros scientificos pareçam feitos sob photographias, como diz Lombroso.

O seu genio anima os objectos mortos d'uma vida phantastica, dando-lhes sentimento, vontade, idéas, enquanto que dos homens faz automatismos movidos pela hereditariedade e pelo meio, obedecendo ao inconsciente, escolhendo assumpto no dominio do extraordinario, e do excepcional, apresentando symbolos, como uma appareição que fórma o centro da obra. No *Assomoir* é o apparelho de destillação, na *Nana* a heroína que é como um monstro gigante de ventre cheio de vicios, uma enorme Venus popular, tão pesadamente besta como grosseiramente impudica, uma especie de idolo hindu a que basta deixar cair os veus para fazer rojar em estupefacção os velhos e os collegiaes, e que por momentos se sente a si mesma pairar sobre Paris e o mundo, como diz Brunetière. A sua obra é a encarnação do pessimismo violento, bem d'uma epocha que soffre da fadiga organica geral, que em França, dado o character esthetic do povo francez, revestiu a fórma litteraria, como na Allemanha, attenta a tendencia especulativa, deu a philosophia de Schopenhauer, como um pouco mais tarde, por mais profunda, deu o symbolismo. Em si Zola é um olfactivo pervertido, pscopatha sexual, vulgarizador das theorias scientificas.

De Zola descendem em Portugal Eça de Queiroz mais feito com Flaubert com *O Primo Basilio* e *O Crime do Padre Amaro*, Bento Moreno com a *Comedia do Campo* e a *Comedia Burguesa*, sendo admiravel *A Morte de D. Agostinho*, e Julio Lourenço Pinto no agradavel quadro da *Margarida*; em Italia os veristas, principalmente Gabriel d'Annunzio, cujo romance *O Intruso* é um notavel quadro do criminoso-louco, um pouco imitado de Dostoiéwsky; e a joven Allemanha que nos *Tecelões* de

Hauptmann produziu um dos dramas modernos mais valiosos, pelo assumpto, dando-nos um drama sem amor, verdadeiro, real, contribuindo para o estudo da psychologia das multidões, pintando a suggestão do delirio e das hallucinações. Na Dinamarca J. P. Jakobsen, na Noruega Arne Garborg, e o sueco A. Strindberg continuam nos paizes do norte o movimento francez.

O naturalismo ainda se sente no romance psychologico de P. Bourget. Pela sua pintura pessimista da realidade suggeriu aos symbolistas a idéa de fugirem para o sonho, e d'elle tiraram o impressionismo.

\*  
\* \*

Mas para que estas influencias tão diversas, e por vezes tão contradictorias levassem á eclosão do symbolismo, necessarias eram outras causas.

Estas são as que produziram a degenerescencia mesma da geração actual. São o organismo e o meio.

A hereditariedade, accumulando em successivas gerações as taras morbidas, as intoxicações, e entre estas o tabaco, o alcool e o opio, os estimulantes e os narcotisantes, as doenças organicas, prepararam bellamente o cerebro para n'elle germinar e pullular a semente da degenerescencia que intellectualmente se traduziu pelo symbolismo.

Esta é verdadeiramente a consequencia dos estados de fadiga e esgotamento, por sua vez resultante do excesso de civilisação contemporanea, da vertigem e turbilhão da nossa vida febril, isto é, producto do meio physico e moral. Assim a vida nas grandes cidades constitue um meio desfavoravel, pelo ar saturado de detritos organicos, má qualidade d'alimentação por falsificada e alterada, e pelo

estado de contínua sobreexcitação nervosa, que a civilização criou e mantém. A athmosphera dos grandes centros constitue um meio analogo ao meio palustre, irrespiravel, carregado d'exhalações deleterias preparando a degenerescencia e a destruição. A aglomeração citadina, que tem crescido prodigiosamente, trouxe como consequência uma grande parte da população estar sujeita a estas influencias desorganizadoras.

Por outro lado, nos ultimos cincoenta annos, emquanto a população duplicou, o trabalho que lhe é exigido cresceu dez a cincoenta vezes mais. Max-Nordau com dados tirados das communicações de Körösi mostra que ha meio seculo que a humanidade está sujeita á fadiga resultante da mudança brusca nas condições da existencia. Um bello dia o homem amanheceu senhor do vapor e da electricidade, e a vida começou a desenrolar-se sob uma altissima pressão. Em 1840 havia na Europa 3:000 kilometros de caminhos de ferro, e em 1890 havia 218:000 kilometros. Em França distribuiam-se então 95 e em 1881 595 milhões de cartas; os jornaes subiram de 776 a 5:182. Nas outras nações proporcionalmente. Ora todas as actividades consomem materia, custam esforço nervoso — cada linha que se lê ou escreve, cada conversa, os ruidos, cada rosto, cada scena que se vê, os receios, a impaciencia em conhecer os successos, a espera do jornal, de visitas, mil pequenas coisas que a consciencia não percebe, tudo custa trabalho ao cerebro. A par d'esta despeza, pouco augmentou a receita, porque o estomago não marchou a par do systema nervoso. D'aqui resulta que, roto o equilibrio, consomem-se as economias, e depois chega a banca-rola — o esgotamento.

Surprehendida d'improviso, a humanidade não teve tempo de adaptar-se ás novas condições de vida, que se consegue só quando a transição se faz pou-

co a pouco. Assim enquanto uns seguiram a progressão, muitos succumbiram.

O resultado foi a fadiga, que na primeira geração teve a fôrma de nevrose adquirida, neurasthenia ou hysteria, e na segunda gerou a nevropathia hereditaria, em massa. As estatisticas provam-o. O esgotamento trouxe o abuso de narcoticos e estimulantes, o que por um circulo vicioso foi ser causa do esgotamento, o augmento das doenças nervosas e cardiacas, a velhice prematura, etc.

A esta causa geral juntou-se em França outra particular. A patria franceza, violentamente agitada dos abalos da grande Revolução, sangrada durante vinte annos de epopeia napoleonica, teve de soffrer a espantosa catastrophe de 1870. Foi o desabar de todas as illusões, na fortuna, nas pessoas, nas concepções mais caras, mesmo na honra. O resultado foi uma verdadeira epidemia de doenças mentaes.

Assim devia ser e foi em França que as modas mais delirantes em arte e litteratura nasceram, dado o esgotamento da população. Sobre cerebros predispostos, submettidos á intoxicacão da grande cidade, esgotados pela civilisacão, as idéas novas, vindas do norte e da Inglaterra, conjugadas ás influencias que as ainda vivas escolas francezas deviam ter em quem n'ellas foi educado litterariamente, levaram ao apparecimento da tendencia symbolista.

Querendo a todo o custo fazer successo, dominando-os esta idéa obsediante, e por fraqueza mental incapazes de crear, adoptaram do Preraphaelismo, Tolstoiismo, Ibsen, Wagner e Baudelaire e dos decadentes o que era compativel com o pensar debil. Assim lhes tomaram o mysticismo e esthetica obscura.

Nasceu directamente do Parnasianismo, mas é mais tarado, como representando um ponto mais inferior na escala regressiva.

## Prognostico — The- rapeutica

Esta encarnação na poesia sob a fôrma de symbolismo, psychicamente caracterizada pela incapacidade do trabalho normal, e portanto fraqueza das volições, inatensão, predomínio da moção, ausencia de sympathia e de interesse pela humanidade, atrophia do senso moral, é sob o ponto de vista clinico a manifestação d'um estado fundamental, o esgotamento, provindo da fadiga da geração, a que surprehendendo-a a civilisação impoz exigências organicas superiores ás forças, e creando condições favoraveis preparou a ecclução da doença.

Podemos phantasiosamente como Max-Nordau imaginar um estado em que este esgotamento e fadiga se elevassem ao maximo, tornando-se geral o que hoje é excepcional e exclusivo do dominio do direito criminal e da psychiatria.

Mas tal não succederá.

A humanidade ainda não attingiu o termo da sua evolução, ainda não está senil.

A adaptação ha-de dar-se ou pelo aperfeioamento do organismo, ou pela modificação das condições externas. Duas ou tres gerações esgotam-se, desequilibram-se. Uns, os mais fortes, ainda que tambem se perturbem, sustentam o embate comtudo, são susceptiveis de soffrerem as modificações do meio; os fracos, esgotam-se, geram nevrosados e degenerados, que caminham rapidamente para a ex-

tincção, salvo regeneração intercorrente. São incapazes de adaptação e por isso inexoravelmente condemnados.

Porque ou os degenerados tendam a isolar-se tornando-se antisociaes, inattentos, sem juizo nem previsão, por incapazes d'um esforço individual, passando a vida no deboche esthetico, em busca do goso enervante, que abale os seus orgãos em regressão; ou tentem viver ao lado dos homens sãos, entrar com elles em concorrência, de todas as maneiras desaparecerão rapidamente.

Se vivem á custa do que herdaram, uma vez consumido o capital, morrem de fome; se tem de trabalhar, são em tudo preteridos pelos homens de espirito forte, pensamento logico, juizo nitido, vontade firme, e tem o ultimo refugio no hospital, no asylo de alienados, ou na prisão. Mas não assim os fortes. Os seus orgãos, bem que perturbados e fatigados, restabelecem-se, e nos seus descendentes já se habitua a marcha mais rapida da humanidade, e no caso de se não poderem accomodar á civilisação, oppor-se-lhe-iam renunciando ao que excede as suas forças. A humanidade tem um seguro meio de reagir contra as innovações que impõem ao seu systema nervoso um esforço destructivo, o *misoneísmo*, aversão invencível contra o progresso difficil, que Lombroso estudou.

A verdade é que por acrescimo de força nervosa, ou por abandono do excesso de civilisação, a adaptação d'ar-se-ha sempre. No caso da arte e da litteratura as aberrações não perdurarão. Modificar-se-ha a fórma na sua epiderme mais superficial com as exigencias intellectuaes da multidão, mas a essencia permanece a mesma.

A arte será eterna, porque n'ella procuram os homens materializados pelo prosaismo da vida, aborrecidos do trabalho e dos confortos, uma satisfação ás forças que se não gastam na labuta diaria. Satis-

faz tendencias organicas persistentes, que dão prazer. Porquanto a humanidade necessita da excitação que lhe offerece a mudança, regosija-se em reconhecer nas imitações os originaes, entra em communhão com os seus semelhantes, representando os seus sentimentos, por intermedio da arte.

A mudança é fornecida pelas obras que transportam o homem a situações diferentes das que conhece, o sentimento de prazer de reconhecer obtem-se pelas imitações cuidadosas da realidade que lhe é habitual. A sua sympathia fal-o participar com vivas emoções pessoasas de cada emoção fortemente e claramente expressa do artista.

D'aqui as duas tendencias rivaes que violentamente se degladiam: a observação e o livre vôo da imaginação. Os verdadeiros artistas pelo seu mais alto desenvolvimento intellectual tenderão a vêr e a traduzir exactamente o phenomeno do mundo.

Mas as multidões reclamarão o romantismo, porque será missão da arte offerecer o encanto da mudança, que a realidade destruiu, e a que o cerebro não pôde renunciar. Porque a civilização uniformisa tudo, fazendo pouco e pouco desapparer tudo o que se qualifica de pittoresco. A arte satisfará á necessidade do novo. Mas a evolução tem-se dado e continuará, ainda que sómente sobre as exterioridades. Pois hoje tão divulgada está a sciencia que nenhum artista deixará de ser filho do seu tempo, aproveitando os meios d'expressão que lhe fornece a cultura contemporanea, evitando os erros grosseiros contra as verdades scientificas universaes, a despeito de toda a tendencia ao atavismo. Mas não quer isto dizer que a arte deva ser scientifica, tomando para objecto as descobertas, as theorías e os principios da sciencia. A confusão da arte com a sciencia no momento actual é inimaginavel. A arte e a poesia tem por objecto a emoção, meramente subjectivas, emquanto a sciencia, objectiva, se occu-

pa do conhecimento. Trabalha a poesia com a imaginação, isto é, com a associação de idéas dirigida pela emoção, e a sciencia com a observação, isto é, com a associação de idéas determinada pelas impressões sensoriaes, cuja aquisição e reforçamento são obra da attenção.

Confundir os objectos, terrenos e methodos tão diversos da arte e da sciencia, importaria uma retrogradação de milhares d'annos.

Mas não mais o poeta entrará em opposição com a sciencia, empregando as imagens geradas da velha concepção anthropologica, as allusões a estados de coisas e representações absoletas que Fritz Mauthner chama os «symbolos mortos».

D'outro lado as idéas sociaes tem progredido de mais para que se negue ao proletario o direito de cidadão na arte e na litteratura, que o apresentam como um ser digno da nossa sympathia, frequentemente tragico. Tambem d'isto não podemos affirmar que a arte deva ser socialista, por isso que nada pôde ter com as leis que deveriam determinar a producção e a repartição dos bens. Não cabe á poesia propor soluções á questão e conomica. Deve porém representar as causas eternamente humanas do movimento socialista, o soffrimento dos pobres, a sua aspiração á felicidade, a sua lucta contra as potencias destruidoras da natureza e da structura social, a sua irresistivel ascenção a uma athmosfera intellectual e moral superior. A arte mostrando-nos como vive e soffre o proletario, como sente e aspira, desperta em nós uma emoção de sympathia, que será fonte de projectos de mudanças, reformas, e melhoramentos, e assim coopera no progresso, e não pela declamação socialista, e menos ainda pela pintura illusoria d'um estado e sociedade de futuro.

E isto será o que nos deve fornecer a arte illuminada pelos clarões da sciencia e norteadada pelos

modernos princípios sociologicos. Parece ser esta a phase ultima da sua evolução, adaptavel ao actual momento de vulgarisação scientifica, e idéas socialistas, dominando sobre tudo, na geração materializada que ainda busque o estímulo da mudança na monotonia da vida.

Mas a feição é secundaria, a *fôrma nova* é dispensavel para quem tem qualquer coisa a dizer, que é o essencial, e que perfeitamente cabe dentro dos limites das antigas fôrmas, gastas embora. Tem sido lenta a evolução, como a fôrma mesma do pensamento, e apenas sobre as exterioridades.

A historia da arte e da poesia mostra-nos as linhas fundamentaes dos differentes modos d'expressão sempre as mesmas. Os quadros artisticos alargaram-se pela introdução de novos assumptos e novas figuras, não pela invenção de novas fôrmas. O drama renunciou ao seu character sobre-natural e tornou-se humano, a epopeia abandonou a linguagem rythmica pela prosa, os hollandezes introduziram na pintura em vez dos assumptos mythologicos e religiosos as grandes acções do Estado, o mundo das kermesses, das festas populares e tabernas dos aldeãos. Mas o progresso consistiu em dar ás fôrmas antigas um fundo novo. Este é que se tem modificado d'a par com as concepções da Arte e da belleza. E infinitas são ellas, desde Baumgarten que julga ser a belleza o perfeito, o absoluto, reconhecido pelos sentidos, encarnando na natureza, até Tolstoi que chama á arte um meio de communição entre os homens.

Kant diz ser a belleza sob o ponto de vista subjectivo o que agrada d'uma maneira geral, sem conceito e sem utilidade practica, e sob o ponto de vista objectivo a fôrma d'esse objecto que agrada, emquanto nos não preocupamos da sua utilidade. Para Fichte a belleza é a alma bella, e a arte a sua manifestação.

Schopenhauer vê na belleza uma objectivação da vontade. Para Guyau a arte é a expressão da vida raciocinada e consciente. Segundo E. Veron é uma manifestação da emoção expressa por certas combinações de linhas, côres, sons, formas, rythmos, etc.

Para Spencer a origem da arte está no superfluo das forças. Taine diz que a belleza é uma manifestação do character essencial d'uma idéa, mais completamente do que succede na realidade.

Para Hegel a belleza é o reflexo da idéa na materia, é a expressão sensível da verdade.

Só a alma é verdadeiramente bella. Diz Schelling que a belleza é a percepção do infinito no finito, a arte a união do subjectivo e do objectivo, do consciente e do inconsciente.

A belleza é a contemplação das coisas em si. O absoluto é talvez um sonho, mas a investigação do absoluto póde substituir o mesmo absoluto. Mais modernamente Tolstoi no livro *Que é a arte?* chega á concepção de que a arte é uma das condições da vida, sendo ao mesmo tempo um meio de communhão entre os homens. E' uma actividade humana que consiste em que um homem exprima conscientemente aos outros por meio de certos signaes exteriores os sentimentos que elle sentiu, e em que d'elles se penetrem e os revivam os seus semelhantes. Está d'accordo com as suas idéas mysticas. Tolstoi, negando as leis da evolução, insurgindo-se contra a sciencia chegou á simplificação suprema da vida. Aparta-se dos metaphysicos que imaginam a arte a manifestação d'uma idéa mysteriosa de belleza ou de Deus, como dos estheticos physiologistas que a suppõem um jogo em que o homem gaste o excesso de forças.

Para elle é um órgão da vida da humanidade, que traduz pela consciencia a vida dos homens; deve, portanto, ser accessivel a todos, vulgar.

Assim variadas são as definições da arte e da belleza desde a concepção theologica até a concepção socialista. Mas a obra d'arte, variavel no fundo, enquadra-se nas antigas fórmulas, capazes de traduzir todas as idéas.

No caso particular do symbolismo a concepção da arte apenas representa o estado passageiro da geração actual, retrograda no fundo, e pathologica na forma. Não subsistirá, porque também passará o estado de desequilibrio, pela adaptação ou pela rejeição do que exceder o esforço. Não é um avanço sobre as mais concepções, é um retrocesso ao catholicismo e aos meios d'expressão confusos do pensar mystico. Tudo é doença, tudo é anormal, mas a arte sairá d'esta phase religiosa e confusa para entrar n'um periodo mais verdadeiro e mais humano, menos egoista e mais comprehensivel. A questão da forma é banal e sem valor. O poeta, sendo da sua geração não deixará de obedecer ás tendencias objectivas, scientificas e sociaes do seculo actual, no que ellas teem de esthetico.

Feita a nosographia do symbolismo, poderemos imaginar um tractamento a esta aberração? Ninguém poderá conceber a possibilidade de curar os degenerados, pretendendo demonstrar-lhes a sua alienação, o não fundado e caracter doentio dos seus delirios.

A unica coisa que se consegue é fazer com que elles vejam no medico ou um inimigo ou um perseguidor, o odeiem violentamente, o tenham por um imbecil incapaz de comprehensão e strocem d'elle. Assim os fanaticos das ultimas modas em arte e litteratura, sem serem precisamente alienados

são habitantes dos paizes fronteiros, e em balde se lhes prégará que se enthusiasmam por aberrações e idiotices. Não o creem, nem pódem crel-o, porque as obras em que o homem normal reconhece a loucura dão-lhes realmente prazer, por isso que são a expressão da sua propria perturbação intellectual, e da perversão dos seus proprios instinctos. A' leitura d'estas obras experimentam uma sensação que representam como esthetica, quando é apenas voluptuosa, mas tão verdadeira e immediata, que se revoltam porque taes obras provocam o desgosto e o desprezo, e por sentirem com todos os nervos as bellezas de taes obras imaginam-se superiores e como taes se affastam do vulgo. Por este motivo, como a civilisação nos ensina, as vesanias despertam um enthusiasmo ardente e adquirem o caracter de verdadeiras epidemias, porque procuram uma satisfação, embora doentia, a um instincto existente.

Portanto n'um primeiro grupo pômos os degenerados de perturbação intellectual profunda, incuráveis, devendo ser abandonados ao seu inexoravel destino. Mas além dos condemnados pela sua constituição organica, muita gente ha que é simplesmente victima da moda, susceptivel d'uma therapeutica racional, uns ligeiramente doentes, outros apenas levados pela suggestão do ultimo figurino em arte ou em litteratura.

Para estes em primeiro lugar é necessario mostrar que as modas estheticas são resultado da doença mental, bem que tal demonstração vá destruir muita illusão encantadora, pulverizando agradaveis erros. Mas não deve a sciencia prender-se com considerações de tal ordem, porque nem tudo o que é morbido é por isso mesmo necessariamente feio e nocivo.

Entre saude e doença não ha mais differença que a de quantidade, o cerebro são e o cerebro doen-

te trabalham segundo as mesmas leis. Sómente este obedece a estas leis incompleta ou excessivamente. Certas particularidades, como a grande emotividade, a tendencia ao symbolismo, o predominio da imaginação, existem em todos os verdadeiros artistas: só o exagero d'estas particularidades os torna em perturbações morbidas. Provará isto apenas que a arte, sem ser ainda uma doença do espirito, é já um começo de desvio da plena saude.

Depois de mostrado o character doentio da moda litteraria, é necessario tirar-lhe a mascara seductora, e apresental-a na sua verdadeira nudez.

Assim no caso do symbolismo a tendencia não representa a mocidade em presença da arte sã, musgosa e gasta, como dizem, mas é ella sinistramente senil. Senil é a sua calumnia da sciencia e do progresso, como a affectação do mysticismo, senis as suas extravagancias e incoherencias, as concupiscencias de impotentes, e a avidez de todos os estimulantes.

Ser novo é esperar, é amar simplesmente e naturalmente, é gosar da propria força e saude, da existencia de todos os seres, e nada d'isto se encontra nos degenerados que mentidamente se chamam jovens.

Em nome da liberdade querem a expansão do *eu* e fallam em progresso, quando glorificam o crime, negam a moralidade, elevam altares ao instincto, blasphemam da sciencia, e assignam a madracice esthetica como supremo fim da vida.

Ora a arte, alem d'um fim subjectivo, a *délivrance* de artista, tem um segundo objectivo, o de actuar sobre os outros. A sua fonte é a emoção, e um dos meios a imitação. Satisfaz a necessidade que tem o artista de transformar a emoção em movimento, e, por consequencia do instincto collectivo ou social, de o fazer participar as suas proprias emoções a seus semelhantes. Assim como em presença

de cada tendencia ha a notar se ellá provém d'uma necessidade legitima, ou é consequencia d'uma aberração, se a sua satisfação é util ou prejudicial ao organismo, tambem as noções de são e doente, moral e immoral, de social e anti-social são applicaveis á arte, como a toda a outra manifestação humana. Reclamar em nome da liberdade o direito de patentejar uma aberração, não é progresso, antes é escravizar-se ao inconsciente, rebaixar-se, retrogradar.

Porque a marcha do progresso é caracterizada pelo alargamento do campo da consciencia e restricção do inconsciente, pelo robustecimento da vontade e enfraquecimento das impulsões, pelo augmento da auto-responsabilidade e supressão de egoismo. No fundo é a escravidão mais abjecta, é uma volta ao passado mais recuado.

Balbúciam em vez de fallar, exprimem-se por monosyllabos, em vez de construir phrases grammatical e syntheticamente articuladas. Confundem todos os generos da arte e reduzem-a as formas primitivas. Tudo n'elles é atavico.

Assim como therapeutica, deixando de parte os incuráveis, devemos esclarecer por todos os meios os fracos de juizo e inexperientes, mostrando que o symbolismo é uma forma de doença mental, uma manifestação da degenerescencia mystica, e longe de ser o futuro é o passado immensamente recuado, não é o progresso mas uma temerosa reacção, não é a liberdade mas a escravidão vergonhosa, não é a mocidade e a aurora, mas a senelidade mais esgotada.

E' um inimigo da sociedade da peor especie, é o crime na arte.



# Proposições

Anatomia — A função gustativa está adstricta a um par craneano, denominado *nervo gustativo de Bento de Sousa*.

Physiologia — A personalidade humana é uma synthese de sub-personalidades, a que só a consciencia dá unidade.

Materia medica — Na cerebração d'um povo é elemento valioso a riqueza da alimentação e do solo em materias phosphoradas.

Pathologia geral — Entre saude e doença ha apenas differença de intensidade no funcionamento da cellula.

Anatomia pathologica e bacteriologia — As bacterias são os agentes da eterna transformação, os factores em parte dos inquietantes mysterios da vida e da morte.

Pathologia interna — No estado actual a humanidade deve renunciar ao excesso de civilisação, como causa da degenerescencia.

Pathologia externa — O heredo-syphilitico é um degenerado que soffreu o contagio.

Medicina operatoria — Em toda a intervenção cirurgica deve quanto possivel procurar-se a asepsia, porque a antiseptia, quando perfeita, é perigosa.

Obstetricia — Deve sempre empregar-se a anesthesia no parto normal ou artificial, embora vá d'encontro á phrase divina — «parirás com dôr».

Medicina legal e hygiene — Os stigmas sociologicos do degenerado emotivo bastam a affirmar o caracter regressivo.

---

Visto  
A. Brandão  
Presidente

Imprima-se  
D. Lebre  
Director interino

## ERRATAS

Varios erros passaram, devido á precipitação da revisão, faceis de corrigir. Entre elles :

Pag.	Lin.	Onde se lê	Leia-se
5	14	neo-christianismo	neo-criticismo
5	20	Fouillé	Fouillé
11	3	os espiritos	aos espiritos
22	16	de symbolismo	do symbolismo
22	25	Kabne	Kahn
23	1	Charlyle	Carlyle
24	3	Wolt	Walt
29	6	alcor	aucor
30	6	obleto	objecto
33	11	irratibilidade	irritabilidade
35	14	estado de ser	estado do ser
35	20	degeneradores	degenerados
37	33	hypersthesia	asthenia
39	27	preversão	perversão
41	22	delictinoso	delictuoso
43	24	observe	absorve
47	32	<i>obulico</i>	<i>abulico</i>
55	8	Rönetgen	Röntgen
57	6	Le Cardounel	Le Cardonnel
59	22	vem	vêm
68	25	os repugnantes	as repugnantes
69	29	de feitiçaria	a feitiçaria
72	23	o e da	o é da
76	24	mais e nobres	mais e mais nobres
84	14	napolioncia	napoleonica
88	17	cidadão	cidade
94	19	syntheticamente	synthaticamente